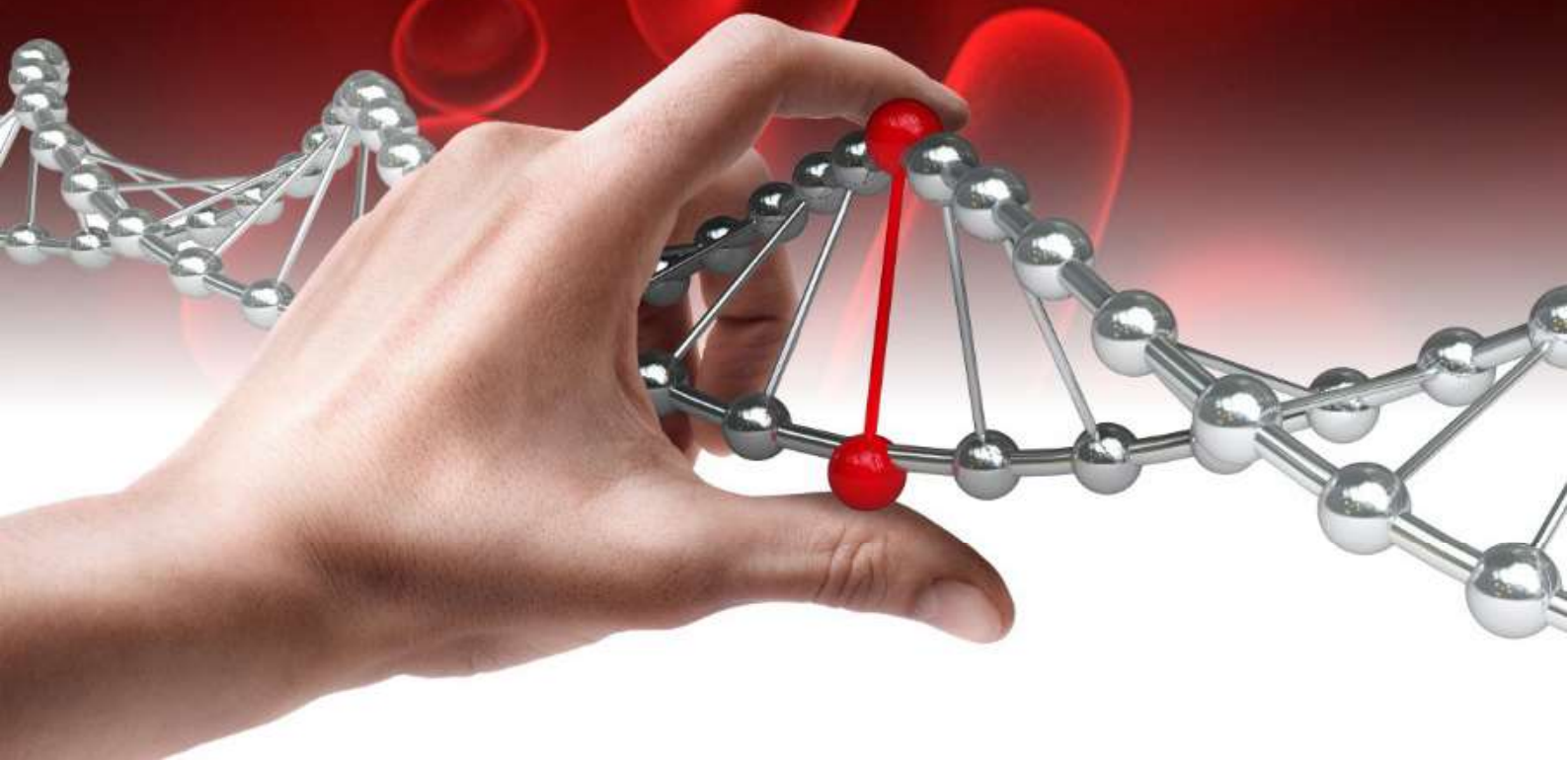


Revista Científica - Nº 1



Faculdade  
**IPESP**

Instituto de Pesquisa e Educação  
em Saúde de São Paulo



## **EDITORIAL**

A criação de uma Revista Científica é sempre acompanhada de grande expectativa, considerando que a iniciativa valoriza a difusão do conhecimento no âmbito das diferentes instituições de ensino e pesquisa em nosso país, conferindo notória visibilidade da produção científica institucional e contribuindo para a democratização da ciência.

Cabe ressaltar, no entanto, que a concepção, a construção, a organização e a publicação de uma revista científica, seguindo padrões editoriais modernos e de qualidade, representa uma tarefa árdua para a equipe editorial, a qual impõem inúmeros desafios em prol do desenvolvimento científico.

As revistas eletrônicas (como a Revista Científica da Faculdade Ipeesp - RCFIPESSP), ou as Revistas impressas, ainda são consideradas como o modo mais rápido e economicamente viável, para os pesquisadores fazerem circular e tornar visíveis os resultados dos seus trabalhos. Pois, é por meio de uma publicação científica que a sociedade toma conhecimento dos resultados de um trabalho de pesquisa e o que este representa para a coletividade.

Partindo dessas considerações, apresentamos a Revista Científica da Faculdade IPESP que, aliada a missão institucional, tem o propósito de fortalecer e impulsionar a produção científica, contribuindo para a formação profissional e evolução da ciência. Para registrarmos o momento, manifestamos nossos votos de pleno sucesso aos gestores, editores, docentes, discentes, pós-graduandos e a todos os envolvidos nesta empreitada, que recebem hoje um moderno veículo de difusão de conhecimento técnico-científico. Nesta primeira Edição, tivemos a oportunidade de publicar o Artigo da Professora Nilva Aparecida Oliveira, Diretora e fundadora do Instituto de Pesquisa e Educação em Saúde de São Paulo (IPESP), cujo Artigo é parte do trabalho de Dissertação de Mestrado Profissional em Educação nas Profissões da Saúde, apresentado ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação nas Profissões da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Será uma publicação semestral com a missão de divulgar resultados de investigações científicas relacionadas a área da Saúde, proporcionar a atualização e aprimoramento de profissionais da área em âmbito nacional, além de incentivar a produção de artigos científicos nas seguintes áreas: Diagnóstico Laboratorial, Cardiologia, Farmácia, Biologia, Fisioterapia, Radiologia, Reabilitação, Ensino em Saúde, Estética e Cosmética, e Gestão em Saúde.

A RCFIPESSP será inter e multidisciplinar, arbitrada, aberta a contribuições de autores nacionais e estrangeiros. Irá publicar prioritariamente, pesquisas originais com contribuições relevantes para a área da Saúde, realizadas com rigor científico e que possam ser replicadas e generalizadas.

“TENHAM UMA BOA E PRODUTIVA LEITURA !”

### **Airton Viriato**

Editor da Revista Científica da Faculdade IPESP

### **Pedro Luiz Silva Pinto**

Editor da Revista do Instituto Adolfo Lutz



**ARTIGO ORIGINAL: Acesso aberto**

## **Avaliação dos egressos da Pós-Graduação Lato Sensu em Hematologia e Hemoterapia do Instituto de Pesquisa e Educação em Saúde de São Paulo - IPESP\***

**Autores:** Nilva Aparecida Oliveira<sup>1</sup>, Flávio Morgado<sup>2</sup>, Gabriela Rodrigues Zinn<sup>3</sup>, Raquel Aparecida de Oliveira<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Diretora do Instituto de Pesquisa e Educação em Saúde de São Paulo [nilva@ipessp.edu.br](mailto:nilva@ipessp.edu.br)

<sup>2</sup>Assistente Doutor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo [fmorgado@pucsp.br](mailto:fmorgado@pucsp.br)

<sup>3</sup>Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo [gabrielarodrigueszinn@gmail.com](mailto:gabrielarodrigueszinn@gmail.com)

<sup>4</sup>Assistente Doutor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo [raoliveira@pucsp.br](mailto:raoliveira@pucsp.br)

\*Parte do trabalho de Dissertação de Mestrado Profissional em Educação nas Profissões da Saúde da primeira autora, apresentado ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação nas Profissões da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

### **RESUMO**

Realizou-se um estudo transversal, descritivo quantitativo-qualitativo sobre o impacto na vida profissional com 86 (29,55%) egressos do período de 2008 a 2020 do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu de Hematologia e Hemoterapia de São Paulo. Aplicou-se um questionário semiestruturado on-line, baseado no Modelo de Avaliação do Impacto do Treinamento no Trabalho adaptado que considerou as características do curso, reações e aprendizagem. As características do curso como duração (89,53%) e adequação ao mercado profissional (98,84%) foram adequadas. Quanto as reações o curso auxiliou na melhoria da inserção profissional (76,62%) e gerou maior segurança na atuação profissional (55,84%). Na aprendizagem, os hábitos de leitura de artigos e publicações científicas aumentaram após o curso; porém, mantiveram-se baixas a produção científica e a participação em eventos.

**Palavras-chave:** Especialização, avaliação institucional, educação em saúde.

### **ABSTRACT**

A cross-sectional, descriptive quantitative-qualitative study was carried out on the impacts on the professional journeys of 86 (29.55%) graduate students from the period 2008 to 2020 of the Lato Sensu Postgraduate Degree in Hematology and Hemotherapy in São Paulo. An online semi-structured questionnaire was applied, based on the adapted Work Training Impact Assessment Model, which considered the course characteristics, students' reactions and learning. Course characteristics such as duration (89.53%) and adequacy to the labor market (98.84%) were adequate. As for the reactions, the course helped improve professional insertion (76.62%) and generated greater assurance in professional performance (55.84%). In regards to learning, articles and scientific publications reading habits increased after the course; however, scientific production and participation in events remained low.

**Keywords:** postgraduate, institucional avaiation, health education.



## INTRODUÇÃO

Os cursos de pós-graduação no Brasil são divididos em duas modalidades: *stricto sensu* e *lato sensu*, a primeira corresponde ao mestrado acadêmico, mestrado profissional e doutorado, que só podem funcionar com a autorização da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e são avaliados regularmente. A segunda caracteriza-se como sendo de especialização ou aperfeiçoamento, com objetivo técnico e profissional, adequando-se mais à categoria de extensão e não à de ensino e pesquisa, como os de pós-graduação *stricto sensu*.

A necessidade de aperfeiçoamento na pós-graduação é uma realidade no contexto brasileiro, seja por meio de programas de residência, seja por meio de programas de especialização *lato sensu*. Em geral, os profissionais sentem necessidade de formação complementar, pois a graduação nem sempre se mostra suficiente para a obtenção de plena segurança na prática profissional. Da mesma forma, os avanços tecnológicos impulsionam os profissionais da saúde a se atualizarem constantemente, com novos tratamentos, novos exames e novos diagnósticos.

Os cursos de especialização *lato sensu* vêm despertando mais interesse e sendo cada vez mais necessários ao mercado brasileiro. De acordo com o Sindicato das Entidades de Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior no Estado de São Paulo o número de cursos e vagas vem aumentando desde 2016, sendo que 88% dos alunos matriculados frequentam instituições privadas. Nos últimos quatro anos (2015 a 2019), houve uma expansão de 74% da rede privada e de 41% da rede pública. Estima-se que 4,10% (5,7 milhões) da população, acima de 24 anos, concluiu a pós-graduação no Brasil (SEMESP, 2019).

Há no Brasil aproximadamente duas mil instituições que oferecem cursos de pós-graduação *lato sensu*, sendo 1.868 IES privadas (91%) e 185 IES públicas (9%). Destas, 59,7% oferecem cursos na modalidade presencial e 40,3% na modalidade EAD (SEMESP, 2019). De acordo com o SEMESP (2019), há no país 55 milhões de alunos que cursaram até o ensino fundamental, 44 milhões que cursaram até o ensino

médio, 19 milhões até a graduação, 5,7 milhões com especialização de nível superior, 918 mil com mestrado e 348 mil com doutorado.

Ainda no contexto brasileiro, em 2019, o número de vagas de cursos de especialização ofertados na área da saúde correspondia a 24% e na área da Educação a 35%. O número na área da saúde na modalidade presencial é 16.312, sendo 15.214 em instituições privadas e 1.098 em instituições públicas. Na modalidade em EAD há um total de 2.726 instituições, sendo 2.633 privadas e 93 em públicas, segundo o SEMESP (2019). São ainda ofertados mais de 73 mil cursos de Especialização de nível superior, sendo 98% oferecidos por IES privadas e 60% são presenciais. As IES privadas contam com 69.003 mil cursos, sendo 53.453 presenciais e 15.550 EAD. As IES públicas contam com 4.252 cursos, sendo 3.598 presenciais e 654 em EAD (SEMESP, 2019).

Em IES privadas, o número de alunos matriculados aumentou em 87,60%, enquanto nas IES públicas, aumentou em 12,40%. Em relação à distribuição geográfica, 44% dos alunos estão na Região Sudeste, 23% no Nordeste, 16% no Sul, 11% no Centro-Oeste e apenas 6% na Região Norte (SEMESP, 2019). Nesse aspecto, Aprile e Barone (2018), destacam que, em faculdades e universidades privadas e públicas, o número de alunos ingressantes – devido à facilidade no crédito estudantil e concessão de bolsas de estudo desde o final da década de 1990 –, vem sendo ampliado gradativamente, a partir de 2002, com o Programa Universidade para Todos (ProUni), o Financiamento Estudantil (FIES), e o aumento do número de Institutos Federais. Segundo Brocco (2017), de 2003 a 2012, houve um aumento de 81% das matrículas no Ensino Superior.

A Hemoterapia no Brasil começou em 1900, com a descoberta dos grupos sanguíneos ABO. Atualmente, já foram descritos 36 grupos sanguíneos, mas os primeiros bancos de sangue começaram a se disseminar pelo mundo somente trinta anos depois, segundo a Revista de Hematologia e Hemoterapia, conforme Junqueira, Rosenblit e Hamerschlak (2005).

Ainda segundo Junqueira, Rosenblit e Hamerschlag (2005), a Hemoterapia é uma das ciências que se desenvolveram mais rapidamente nos últimos 20 anos, exigindo atenção contínua dos profissionais que trabalham na área. O mercado de trabalho ampliou-se rapidamente, exigindo qualificação profissional. Os testes pré-transfusionais passaram a ser realizados por técnicas cada vez mais sofisticadas, assim como exames sorológicos obrigatórios, cada vez mais numerosos e complexos.

A Hematologia moderna conta com a utilização de estudos moleculares e permite detectar um alerta de qualquer processo infeccioso com o aumento dos Leucócitos, além de detectar doenças crônicas, parasitoses, alergias e processos inflamatórios. A partir de estudos moleculares, a Hematologia é capaz de explicar e identificar doenças como também monitorizar inúmeras terapias, principalmente nas doenças onco-hematológicas, como linfomas, leucemias e anemias raras, contribuindo, desta forma, para a eficácia e eficiência nos tratamentos por meio do diagnóstico precoce.

No contexto da pandemia COVID 19, destaca-se a importância da força de trabalho em Hematologia e Hemoterapia para o diagnóstico e tratamento. A necessidade de realização de um exame de sangue comum para verificar o que pode ser, muito provavelmente, o primeiro marcador no processo de lesão da Covid-19: o Dímero D (THACHIL, CUSHMAN, SRIVASTAVA 2020). Tal marcador de hipercoagulabilidade tem sua pertinência destacada também por ser disponível e de fácil acesso. É um sinal de coagulação sanguínea que pode se alterar no estágio inicial desta doença. No momento em que os sintomas não são tão graves, os números de plaquetas, tempo de protrombina (PT) e o tempo de tromboplastina parcial (PTT) continuam inalterados. Identificadas estas alterações no Dímero D, podemos conduzir a uma internação e o tratamento de pacientes com anticoagulantes, assim evitando a trombose dos alvéolos. Em razão de o Dímero D ser um produto formado no processo da vileza da fibrina (principal componente dos coágulos sanguíneos), a quantidade de sua concentração está muito relacionada

ao grau de concentração da COVID-19; o exame deverá ser feito assim que confirmado um resultado positivo no teste RT-PCR (THACHIL, CUSHMAN, SRIVASTAVA 2020).

Ressalta-se que os cursos de Hematologia e Hemoterapia preparam e capacitam esses profissionais – mais especificamente, durante o módulo de Hemostasia – para a realização de um diagnóstico preciso de forma rápida e eficiente, logo no início dos primeiros sintomas da COVID-19, salvando vidas. Há que se destacar a importância de aprofundar a compreensão sobre a formação e a prática profissional, com vistas a subsidiar o aprimoramento do curso alinhado às reais necessidades da prática desses egressos e em consonância com as necessidades do mercado de trabalho. Os resultados, indicaram a inserção desses profissionais no mundo do trabalho e auxiliaram na avaliação do curso, assim como da Instituição.

É nesse contexto, considerando a relevância teórica e prática do tema, que o presente estudo se propõe a avaliar o impacto na vida profissional dos egressos do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu de Hematologia e Hemoterapia do Instituto de Pesquisa e Educação em Saúde de São Paulo – IPESP.

Na década de 1990, não existia curso de Hematologia na cidade de São Paulo, sendo necessário aos interessados deslocar-se para São José do Rio Preto. Associada a essa situação, foi identificado, por um grupo de multiprofissionais, que os profissionais inseridos no mercado de trabalho tinham dificuldade em identificar células anormais no sangue, diferenciar células normais de anômalas e interpretar as alterações encontradas. Havia, ainda, a dificuldade de correlacionar as alterações encontradas com doenças específicas, de diferenciar anormalidades verdadeiras de artefatos e orientar a propedêutica diagnóstica a partir dos achados laboratoriais iniciais.

Desta forma, considerando essas lacunas, foi criado, em parceria com um grupo multiprofissional da área da Saúde composto de técnicos de laboratório, biomédicos, biólogos, farmacêuticos, enfermeiros e médicos hematologistas, em 2000, o Instituto de Pesquisa e Ensino em Hematologia de São Paulo (IPEHSP).

O Modelo de Avaliação e Aplicação em Treinamento, Desenvolvimento e Educação (TD&E) apresenta-se como metodologia útil para a aplicação prática e eficiente da avaliação em educação no que compete à reação dos alunos ao conteúdo e à aprendizagem.

Segundo Abbad et al. (2001), a avaliação em TD&E envolve coleta de dados que serão usados para emitir juízos de valor, com o objetivo de gerar resultados imediatos que dizem respeito à reação dos participantes, contemplando opiniões deles em relação ao curso e à satisfação e aprendizagem, ou sobre a aquisição, por parte dos participantes, de conhecimentos, habilidades e atitudes, o CHA, sigla que designa a tríade que representa um dos modelos mais tradicionais utilizados pelas melhores instituições, no sentido de avaliar seus colaboradores.

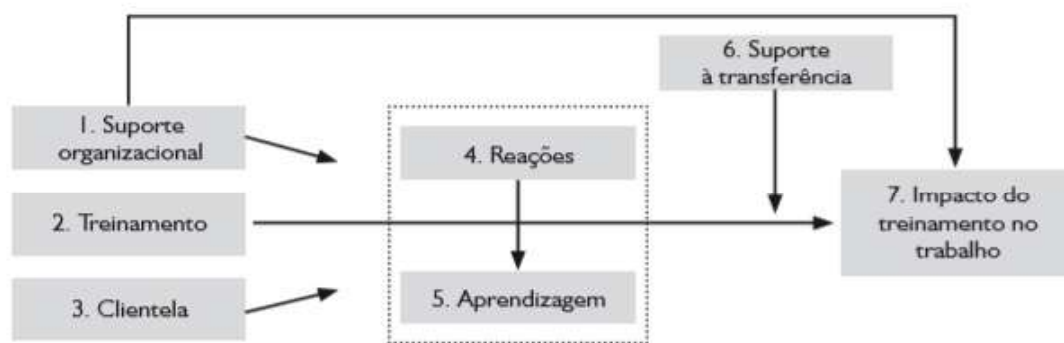
Ainda conforme Abbad et al. (2001) esta avaliação, também visa a ações que podem ter efeitos a longo prazo no comportamento do profissional que realiza o curso, principalmente no que diz respeito à utilização dos conhecimentos e habilidades adquiridos. Também se avalia o impacto de determinadas ações sobre a organização dos locais em que estes profissionais trabalham sendo também possível avaliar eventuais mudanças no valor final dos serviços prestados pelo local, além dos benefícios sociais e econômicos que podem ter sido agregados.

O objetivo, portanto, é levar em consideração na avaliação observações e elementos que possam aumentar a qualidade, a eficiência e os benefícios que a prática profissional diferenciada, notadamente após a realização de um curso como o de especialização, pode trazer para o profissional, a organização e a sociedade (ABBAD et al., 2001).

No caso desse estudo, lançamos mão de um questionário com vistas a testar o comportamento de diversas variáveis relacionadas à percepção dos egressos sobre o curso oferecido pela instituição. Esse intento se deu não só via perguntas acerca do curso, mas também sobre sua vida profissional e sua formação, de forma que a aplicação do questionário se constituiu como um processo singular, desenvolvido especificamente para a avaliação em questão.

De acordo com Abbad et al. (2001), um modelo de avaliação específico pode ser ilustrado conforme o esquema da Figura 1, que apresenta o Modelo de Avaliação do Impacto do Treinamento no Trabalho (IMPACT). Esse modelo se propõe a investigar a relação existente entre as seguintes variáveis: indivíduo, treinamento, contexto organizacional, resultados imediatos do treinamento (reação e aprendizagem) e critério-impacto do treinamento no trabalho.

Figura 1 - Modelo de avaliação do impacto do treinamento no trabalho (IMPACT)



Fonte: Abbad et. al. (2001).

Os componentes presentes nesse modelo específico fazem-se especialmente úteis no caso desta pesquisa, uma vez que o questionário proposto tem como objetivo avaliar as reações e a aprendizagem dos egressos a partir de um conjunto de questões sobre o suporte organizacional, o treinamento e a clientela, com o intuito de avaliar o impacto do treinamento no trabalho e na percepção dos respondentes. Esses resultados são importantes para que se possa implementar melhorias bem direcionadas nos cursos oferecidos, orientadas a partir dessa percepção dos egressos.

Ainda, segundo Bastos, Ciampone e Mira (2013), a avaliação do impacto é fator indicativo da mudança de comportamento do profissional no cargo e da efetividade das ações de treinamento no nível individual. Com isso em vista, presume-se a necessidade de ampliação das técnicas de avaliação, uma vez que o objetivo final do treinamento é provocar mudança no ambiente de trabalho. Logo, é preciso avaliar o impacto.

No tocante à aprendizagem, os resultados apontam

para a eficácia dos treinamentos, embora a significância de aquisição, ou aumento do conhecimento pretendido, tenham sido enfraquecidas pelos instrumentos de medida, que apresentaram problemas de discriminação da variável nota entre os momentos pré e pós-treinamento. Nesse estudo adaptamos o Modelo Integrado de Avaliação do Impacto do Treinamento no Trabalho (IMPACT) e optamos por direcioná-lo para as seguintes variáveis: características dos egressos do curso, características do curso, reações, impacto e aprendizagem, tal como apresentado pelos autores Abbad, Gama e Borges-Andrade (2000). Essas variáveis estão descritas detalhadamente na metodologia, mais especificamente onde é descrito no instrumento de coleta de dados.

O objetivo deste estudo é o de avaliar a partir dos egressos o Curso de Pós-Graduação Lato Sensu de Hematologia e Hemoterapia pelo Instituto de Pesquisa e Educação em Saúde de São Paulo (IPESP) no período de 2008 a junho de 2020.

## **MÉTODOS**

Para atingir o objetivo da pesquisa, realizou-se uma pesquisa transversal, descritiva, de abordagem quantitativa-qualitativa. A pesquisa descritiva visa descrever as características de determinadas populações e especialmente utiliza-se de técnicas padronizadas de coleta de dados, como questionários e observação sistemática (GIL, 2008). Desta forma a escolha por esse tipo de pesquisa justifica-se na intencionalidade de conhecer os egressos, os impactos da sua formação na sua vida profissional e suas características.

Foram convidados para este estudo todos os egressos concluintes do Curso de Hematologia e Hemoterapia do IPESP desde a primeira turma (2008 a 20 de junho de 2020), o que totalizou a participação de 24 turmas de Hematologia e Hemoterapia que se constituíram de 479 alunos matriculados e formados, computando 291 profissionais até o mês de junho de 2020.

Foi utilizado um questionário semiestruturado, adequado ao (Google Formulários), adaptado de uma versão anterior relativa ao estudo de egressos concluintes do Curso de Mestrado Profissional do Programa de Estudos Pós-graduados em Educação nas Profissões da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e foi avaliado por três professores envolvidos em gestão acadêmica. O questionário foi ajustado ao referencial teórico e adaptado ao modelo de Avaliação do Impacto do Treinamento no Trabalho (IMPACT), que direcionou para a variável características do curso, reações e aprendizagem.

Características do curso: considerou-se os aspectos diretamente ligados às atividades instrucionais, tais como: duração, infraestrutura, processos acadêmicos, suporte para o aprendizado e apoio financeiro.

Reações: buscou-se verificar a percepção dos egressos quanto à aplicabilidade e utilidade do curso e seus resultados.



Aprendizagem: Procurou-se identificar se os egressos adquiriram novas habilidades e conhecimentos, e se eles mudaram suas atitudes e comportamentos após o curso.

Os dados foram lançados em planilha em formato compatível com o Software Microsoft Excel e, para tratamento desses dados, utilizou-se o *Software Stata 13.0* e utilizou-se  $p < 0,005$  como critério de significância estatística. As análises foram descritas por meio de distribuição de frequência simples; foram avaliados a satisfação quanto à aprendizagem e contribuição do curso para a formação profissional, a aplicação do conhecimento, habilidades e atitudes adquiridas após o curso e a distribuição do índice de satisfação quanto ao curso, à infraestrutura e ao processo acadêmico.

Utilizou-se análise de regressão de Poisson para avaliar a mudança nas frequências de leitura de artigos e publicações científicas e de participação em eventos antes e após a conclusão do curso, sendo os dados apresentados na forma de gráficos de distribuição de frequências simples com apresentação das Razões de Prevalências (RP).

Para melhor ilustrar os níveis de satisfação referentes ao curso, a infraestrutura e os aspectos acadêmicos, a escala de satisfação (com valores de 1 a 5) foi reagrupada em 2 categorias, sendo satisfeitos (excelente ou bom) e insatisfeitos (muito fraco ou fraco), e os dados foram apresentados na forma de gráficos de frequência simples.

As respostas obtidas em uma questão aberta foram tratadas pela abordagem qualitativa (análise temática de conteúdo). As respostas escritas foram lidas pela pesquisadora e orientadora do estudo que, isoladas, identificaram os temas significativos. Por consenso, o tema escolhido foi mantido e alguns exemplos-chave foram selecionados e transcritos para melhor ilustrá-lo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 291 egressos convidados a participar, foram obtidas 94 respostas, sendo que oito não quiseram participar, totalizando 86 (29,55%) da população pesquisada.

### Perfil dos egressos

A amostra é representada em sua maioria pelo gênero feminino representada por 54,65%, os outros 16% pelo gênero masculino e a média de idade dos egressos foi de 36 anos (DP=8anos), esses dados sugerem que a busca pela pós-graduação lato sensu tende a ocorrer um tempo mais à frente da carreira.

Em relação aos dados do SEMESP (2019) sobre o perfil do aluno de pós-graduação, os dados acima assemelham-se aos egressos do curso. De acordo com os dados de 2019, 45% dos alunos que frequentavam a pós-graduação possuíam entre 25 e 34 anos. Entre os alunos do IPESP, 45,35 % estão nessa faixa de idade e a média é de 36,5 anos, enquanto a média no Brasil é de 34 anos.

A porcentagem dos egressos que são responsáveis pelo seu domicílio é de 41% e os que trabalham é de 85%. Dentre esses, 11% têm mais de um trabalho, 47% alocam-se no setor privado, 71% têm carteira assinada, 33% alocam-se no setor público, 20% são autônomos ou empregadores, e 0,6% trabalham em outras condições. Em relação ao tempo no trabalho, 66% estão há dois anos ou mais, e 34% até dois anos, sendo que 46% trabalham em saúde humana, educação e serviços sociais. A maioria (45%) trabalha de 30 a 40 horas.

Dos participantes, 90% dos egressos exerciam a profissão ao ingressar no curso de pós-graduação, e já haviam realizado pós-graduação lato sensu em outra área, sendo que, dentre estes, 10,47% tinham mestrado e 88,37% não receberam incentivo da empresa para realizar o curso.

Quanto à formação acadêmica: 67,44% (a maioria) eram biomédicos, 17,44% eram biólogos, 9,30% farmacêuticos, 3,49% enfermeiros e 2,33% outros, que correspondem a 1,16% professores e 1,16% professores universitários.

Sobre a empregabilidade constatou-se que antes do curso, nove (11,53%) não trabalhavam e a maioria (58,97%) atuava em apenas um local; 11,53% não trabalhava; 12,82% atuavam em três locais; e 16,67%

atuavam em três locais distintos. As maiores frequências antes do curso são direcionadas para laboratórios (65,38%), seguidas por hospital (47,43%) e plantões/emergências (25,64%). Após o curso, verificou-se que todos estavam trabalhando: 59,49% atuavam em apenas um local; 35,44% atuavam em dois locais distintos; 5,06% atuavam em três ou mais locais.

Quanto aos locais de atuação após o curso de pós-graduação, as maiores frequências ocorrem para laboratório de análises clínicas (55,69%), seguido por hospital público/privado (15,18%), serviço de urgência/emergência (13,92%), laboratório de UTI hospitalar (13,92%) e laboratórios de imuno-hematologia (12,65%). A maioria (44,19%) atua na área de Hematologia em Análises Clínicas; 12,79% atuam em serviços de transfusão de sangue ou banco de sangue; 8,14% com Hemoterapia; 8,14% na área de docência e pesquisa; 6,98% na área administrativa; 2,23% em Imuno-Hemoterapia e 5,81% em outras áreas.

Os dados da SEMESP (2019) relatam, ainda, que os alunos matriculados nos cursos de pós-graduação lato sensu possuem, em média, renda de R\$ 4,6 mil mensais. O valor é 150% maior do que o recebido pelos

alunos que cursam a graduação. O rendimento médio mensal é de R\$ 4,8 mil mensais para alunos da rede privada e de R\$ 3,7 mil para os alunos da rede pública. O resultado desta pesquisa está em consonância com os dados do SEMESP.

Enquanto na graduação a empregabilidade aumenta em 1,50%, os dados obtidos dentre nossos egressos respondentes apontam melhor inserção profissional para 76,62%, e aumento salarial para 36,71%.

Em relação a inserção profissional, os resultados indicam que houve melhoria para 76,62% dos egressos. Os rendimentos financeiros para mais da metade (54,66%) expressam uma faixa salarial entre R\$ 2.500,00 a R\$ 5.000,00; 16,28% recebem menos de R\$ 2.500,00; e somente 12,79% apresentam rendimentos mensais superiores a R\$ 5.000,00. Os resultados denotam que houve melhoria salarial em 36,71% dos casos – frente aos 76,62% que tiveram melhora na inserção –, isso pode ser explicado pelo fato de que após o curso os egressos passaram a trabalhar em menos lugares ou em menos empregos, atuando em menos plantões, mas mantendo a média salarial.

Quanto ao impacto na melhoria salarial, 36,73% informaram que a realização da pós-graduação resultou em melhorias salariais e somente 11,93% receberam apoio da empresa onde atuavam.

**Características do curso**

**Adequação do currículo dos egressos**

Para os egressos o currículo do curso foi adequado ao mercado de atuação profissional (98,84%), bem como a duração do curso (89,53%). Quanto ao grau de adequação do currículo, 17,44% julgaram muito adequado, 66,28% adequado e 15,12% pouco adequado (Figura 2) e que trouxe maior segurança na sua atuação profissional (55,84%).



Figura 2 - Grau de adequação do currículo para a formação profissional dos egressos do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Hematologia e Hemoterapia do IPESP (2008 a 2020).

Fonte: Dados de pesquisa da autora, 2020.

Quanto ao conteúdo e às atividades das disciplinas, 67,44% dos participantes julgaram que eles foram oferecidos de forma integrada, e somente 2,33% avaliaram que esses elementos não foram adequadamente integrados. Em relação à infraestrutura, a Figura 3 ilustra a frequência de satisfação e insatisfação quanto à infraestrutura do curso. Nota-se que quatro dos seis itens avaliados obtiveram altos índices de satisfação superior a 60%, sendo a satisfação com a infraestrutura para as aulas teóricas de 68%, com a área de convivência de 63%, com o laboratório de informática de 62% e com a área de reunião de grupo de 60%. Em todos os quesitos avaliados os índices de insatisfação foram inferiores a 10%.

Figura 3 - Caracterização pelos egressos da infraestrutura e instalações para realização do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Hematologia e Hemoterapia do IPESP (2008 a 2020).



Fonte: Dados de pesquisa da autora, 2020.

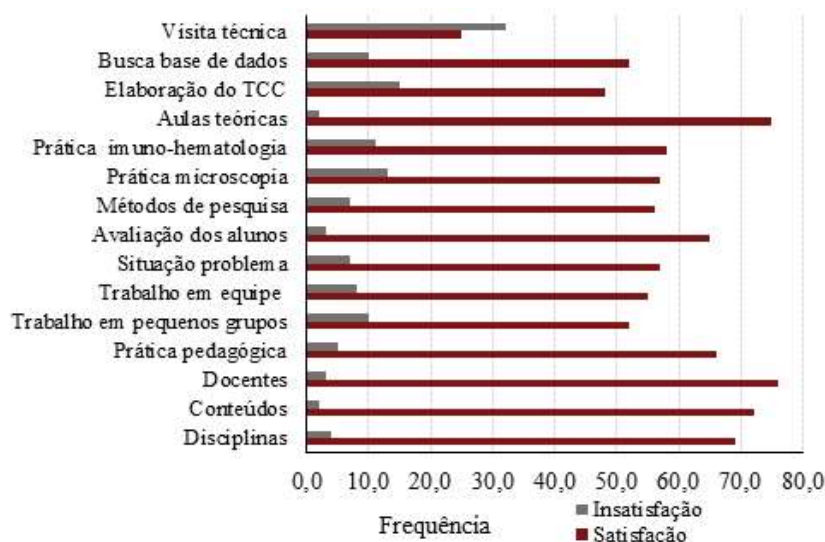
### Processos acadêmicos dos egressos

Avaliando a participação em atividades complementares acadêmicas, nota-se que somente 23,26% participaram; destes, a maioria participou de congressos e eventos afins. Somente 11,39% relataram produção científica/acadêmica gerada a partir da pós-graduação. Embora se trate de uma pós-graduação lato sensu e não haja obrigatoriedade dessas atividades para obtenção do certificado, foi identificada uma oportunidade no sentido de divulgar de maneira mais intensa os simpósios e eventos realizados pela própria instituição e por outras, incentivando os alunos a participarem. Verifica-se, portanto, a necessidade de investir no estímulo à participação em eventos científicos, bem como a necessidade de organização de eventos por parte da instituição.

A Figura 4 ilustra os índices de satisfação relativos às atividades instrucionais e processos acadêmicos. Nota-se que seis dos quinze aspectos avaliados obtiveram satisfação superior a 60%. São eles: os

docentes (76%), as aulas teóricas (75%), os conteúdos (72%), as disciplinas (69%), a prática pedagógica (66%) e a estratégia de avaliação dos alunos (65%). A visita técnica foi identificada por (32%) com grau de insatisfação. Outro aspecto de insatisfação é relativo à elaboração do TCC; este não é mais obrigatório pela legislação atual, e a instituição optou por não exigí-lo. No entanto, em relação ao produto científico gerado pela pós-graduação, entende-se que é necessário que haja produções, e faz-se pertinente, dessa maneira, o incentivo aos alunos para que produzam um trabalho de conclusão de curso em formato de artigo científico ou mesmo de trabalhos apresentados em seminários, simpósios ou congressos; esta parte do curso já está sendo revisada e reelaborada.

Figura 4 - Caracterização do curso pelos egressos da Pós-Graduação Lato Sensu em Hematologia e Hemoterapia do IPESP quanto às atividades instrucionais e processos acadêmicos (2008 a 2020).



Fonte: Dados de pesquisa da autora, 2020.

### Suporte para o aprendizado e apoio financeiro

Os aspectos relacionados à conciliação entre estudo e trabalho, embora sejam de ordem pessoal, têm sido pensados pela instituição no sentido de oferecer a modalidade do curso de forma semipresencial, sendo que as aulas teóricas seriam ministradas via EAD, diminuindo a necessidade de presença dos alunos no horário pré-determinado durante todo o curso, permitindo aos matriculados que administrem o tempo de estudo de acordo com suas demandas de trabalho e vida pessoal, economizando o tempo de deslocamento, fator relevante especialmente para alunos que vêm de outras cidades, principalmente agora, durante a pandemia de Covid-19 (Figura 5).

Figura 5 - Situações consideradas desgastantes pelos egressos do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Hematologia e Hemoterapia do IPESP (2008 a 2020).



Fonte: Dados de pesquisa da autora, 2020.

As a maioria dos entrevistados (87,20%) relatou que encontrou dificuldades durante o curso; no entanto, 98,67% informaram que receberam apoio do IPESP nas dificuldades encontradas. As dificuldades mais relatadas no que diz respeito às questões acadêmicas do curso foram: classificação e identificação das células onco-hematológicas (69,76%), concepção do TCC (51,43%), análise de dados (45,34%), conhecimento e manuseio do microscópio (44,18%) e compreensão das metodologias das aulas práticas (44,18%). As demais

dificuldades relatadas foram referentes a questões pessoais, como dificuldade de conciliar a vida pessoal e profissional (58,13%), falta de domínio da língua inglesa (48,83%), dificuldade financeira (41,86%), problemas de saúde pessoal (33,72%) e familiar (31,39%). Esses dados demonstram a importância do apoio da instituição e indicam a direção para a qual devem se apontar as melhorias a serem eventualmente implementadas.



### Reações

As reações dizem respeito à aplicabilidade, utilidade e seus resultados e para identificá-los, foi perguntado aos egressos “Como você avalia o curso para a sua formação profissional ou atividade profissional atualmente?” (questão 2.15). Nessa questão foram obtidas 70 respostas (82%) que isoladas e, posteriormente, foram identificados os temas significativos. O tema escolhido foi mantido e alguns exemplos-chave foram selecionados e transcritos para melhor ilustrá-lo (BATISTA, 2013).

As respostas dos participantes foram divididas de acordo com características similares, resultando nos grupos de temas a seguir: reações dos egressos e inserção no mercado de trabalho, ascensão na carreira profissional e a importância da aprendizagem.

*“O curso de Hematologia e Hemoterapia foi essencial para que eu pudesse ingressar e exercer minha profissão na área de hemoterapia”.*

*“respondo por dois Laboratórios e os subordinados sempre necessitam de auxílio na leitura de lâminas e o curso me possibilitou adquirir conhecimentos suficientes para dá (sic) suporte a eles [...] realizo cursos de aprimorando em hematologia para os colaboradores com feedback individuais.*

*“Me ajudou muito, principalmente a entender os funcionamentos dos equipamentos e com ensinamentos ficou mais fácil arrumar os erros na produção dos reagentes de hematologia.”*

*“Assegurou mais confiança, conhecimento, a ser mais crítico e minucioso quanto ao trabalho.”*

*“Alavancou os meus conhecimentos em Hematologia[...] consigo assessorar pessoas e empresas, graças a experiência vivida em Laboratório de Análises Clínicas e a Pós-graduação feita.”*

*“Apesar de não atuar na área de Hemoterapia, os conhecimentos adquiridos me auxiliaram, em outras áreas, como: hemostasia, bioquímica, entre outras.”*

*“Foi muito importante para tirar várias dúvidas em relação a microscopia.”*

*“Para conseguir inaugurar uma Agência Transfusional no município que trabalho.”*

### Aprendizagem

Nesse item procurou-se identificar se os egressos adquiriram novas habilidades e conhecimentos, e se eles mudaram suas atitudes e comportamentos após o curso. Os dados indicam que a realização da pós-graduação afetou o hábito de leitura de artigos/publicações científicas entre os egressos, observado pela redução estatisticamente significativa da frequência de indivíduos que não liam ou liam raramente, na ordem de 45% (RP=0,55) e aumento significativo do hábito de leitura eventual (leitura mensal), com elevação na frequência na ordem de 60% (RP=1,60).

Quanto à comparação entre as porcentagens de pessoas que liam frequentemente antes e após a realização da pós-graduação, apesar dos dados indicarem aumento de 90% na frequência de leitura (RP=1,90), a análise não evidenciou diferença estatisticamente significativa (p=0,124).

A participação de eventos científicos não resultou em mudanças significativas. Apesar da redução observada de 31% da frequência de não participação (RP=0,69), esta diferença não se mostrou estatisticamente significativa (p=0,162). A ausência de diferenças significativas também foi observada na avaliação das mudanças ocorridas para as prevalências de participação eventual e frequente.

As produções geradas relatadas por nove (10,46%) egressos dizem respeito a treinamento interno, trabalho em eventos e congressos, publicações e palestras.

Sobre o grau de segurança que os egressos sentiam com as competências adquiridas ao concluir o curso, embora 52% demonstraram ter obtido segurança, 40% ainda sentiam necessidade de complementação.



## **CONCLUSÃO**

O objetivo desse estudo consistiu em avaliar a reação dos egressos dos últimos doze anos do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu de Hematologia e Hemoterapia do IPESSP, descrever seu perfil sociodemográfico, identificar a satisfação desses egressos quanto à aprendizagem e à contribuição do curso para a sua formação e avaliar a satisfação dos egressos em relação à aplicação dos conhecimentos, habilidades e atitudes adquiridos no curso para a prática profissional.

Cabe destacar a relevância dos resultados para o planejamento acadêmico a partir da avaliação das manifestações de egressos. Percebeu-se que o curso os auxiliou, principalmente a entender o funcionamento dos equipamentos, facilitando a localização e a resolução de erros na produção de reagentes de Hematologia. Importa salientar que o curso proporcionou, também, mais confiança – ou seja, a participação ajudou os alunos a serem mais críticos e minuciosos quanto ao trabalho (base para o desempenho atual dos egressos) –, conseqüentemente, melhorou o atendimento e o diagnóstico do paciente. Houve relatos de inovação por parte desses egressos: após efetuarem o curso de pós, alguns ingressaram no mestrado; outros, assumiram cargos de supervisão; em outros casos, foi possível verificar segurança maior no início da carreira docente, bem como a oportunidade de atuar em assessoria científica; além disso, foram relatadas duas promoções após a realização do curso.

No entanto, houve identificação da inadequação de alguns aspectos, dentre os quais foram destacados: a visita técnica, a elaboração do trabalho de conclusão de curso, baixo número de produções científicas geradas após a conclusão do curso, baixo número de participação em congressos e eventos científicos e redução de aulas práticas de Hematologia.

De maneira geral, considera-se que os resultados foram positivos e apresentam aderência à literatura estudada e ao processo de ensino utilizado. Também foram identificados pontos em que há a necessidade de implementação de melhorias, tanto no curso quanto na instituição como um todo. Consideramos que estes resultados contribuem para identificar quesitos que podem ser mais bem qualificados a partir da

implementação de propostas que venham a compor um plano de ação na instituição IPESSP.

Dentre as limitações apresentadas pelos resultados desta pesquisa, apontamos o fato deste estudo ter avaliado somente a visão dos egressos. Não foi considerado nenhum estudo que avaliasse simultaneamente as reações da formação sob o olhar dos demais participantes da formação, do empregador ou da equipe de trabalho. Não dispúnhamos de dados relativos a estudos anteriores com os egressos da instituição, para que fosse possível estabelecer uma comparação e avaliar as reações.

Dentre as dificuldades encontradas para realizar esta pesquisa está o retorno dos questionários, menor do que o esperado, em razão da falta de tempo causada pela pandemia de Covid-19, que modificou radicalmente a rotina das pessoas, ou ainda ao distanciamento que pode ter ocorrido por causa do longo tempo de formação. O acesso ao banco de dados e o apoio da secretaria acadêmica da Instituição permitiram a localização dos egressos, o que facilitou o contato com os egressos.

## **REFERÊNCIAS**

ABBAD, G.; GAMA, A.L.G.; BORGES-ANDRADE, J.E. Treinamento: análise do relacionamento da avaliação nos níveis de reação, aprendizagem e impacto no trabalho. *Revista de Administração Contemporânea*, [s. l.], v. 3, n. 4, p. 25-45, 2000.

ABBAD, G.; BORGES-ANDRADE, J.E.; SALLORENZO, L.H.; GAMA, A.L.G.; MORANDINE, D. Projeto instrucional, aprendizagem, satisfação com o treinamento e autoavaliação de impacto do treinamento no trabalho. *Revista de Psicologia Organizacional Trabalho*, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 129-161, 2001.

APRILE, M.R.; BARONE, R.E.M. Educação superior: políticas públicas para inclusão social. *Revista Ambiente Educação*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 39-55, 2018. Disponível em: <http://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/534/505>. Acesso em: 13 jan. 2021.

BASTOS, L.F.L.; CIAMPONE, M.H.T; MIRA, V.L. Avaliação de suporte à transferência e impacto de treinamento no trabalho dos enfermeiros. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, [s. l.], v. 6, n. 21, p. 1274-1281, 2013.

BATISTA, C.B. Movimentos de reorientação da formação em saúde e as iniciativas ministeriais para as universidades. *Barbaroi*, [s. l.], v. 38, p. 97-125, 2013.

BROCCO, A.K. “Aqui em casa a educação é muito bem-vinda”: significado do ensino superior para universitários bolsistas. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, São Paulo, v. 248, n. 98, p. 94-109, 2017.

GIL, A.C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JUNQUEIRA, P.C.; ROSENBLIT, J.; HAMERSHLAK, N. História da hemoterapia no Brasil. *Revista Brasileira de Hematologia e Hemoterapia*, São Paulo, v. 3, n. 27, p. 201-207, 2005.

SEMESP. Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior no Estado de São Paulo. 2019. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/>. Acesso em 21 jan. 2021.

THACHIL, J.; CUSHMAN, M.; SRIVASTAVA, A. A proposal for staging COVID-19 coagulopathy. *Res Pract Thromb Haemost*, [s. l.], v. 5, n. 4, p. 731-736, 2020.

ARTIGO ORIGINAL: Acesso aberto

## **Implementação do programa de coleta seletiva para reciclagem de resíduos produzidos no Instituto de Infectologia Emílio Ribas**

**Autores:** Airton Viriato<sup>1</sup>, Paulo Roxo Barja<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Coordenador do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Hospitalar da Faculdade IPESSP - [professor.aviriato@ipessp.edu.br](mailto:professor.aviriato@ipessp.edu.br)

<sup>2</sup>Docente-Pesquisador do GPEA/FEAU/UNIVAP - [barja@univap.br](mailto:barja@univap.br)

### **RESUMO**

Hospitais de referência, estão buscando cada vez mais a ecoeficiência, uma vez que, um hospital ecoeficiente é aquele que atinge alta produtividade, com bons níveis de qualidade, que propicia economia de recursos financeiros e possui uma escala decrescente do volume de geração de resíduos. A implementação do programa de coleta seletiva para a reciclagem de resíduos produzidos no Instituto de Infectologia Emílio Ribas, teve como objetivos: a redução de custos com a disposição final dos resíduos em aterros sanitários; o aumento da vida útil dos aterros sanitários; a diminuição de gastos com remediação de áreas degradadas pelo mau acondicionamento dos resíduos; fomentar a educação e conscientização ambiental aos servidores e usuários do sistema de saúde e a melhoria das condições ambientais e de saúde pública do município e do Estado de São Paulo. Os resultados obtidos foram muito positivos, pois desde a implementação do programa de coleta seletiva para a reciclagem de resíduos, houve um aumento significativo e consistente do volume dos resíduos considerados recicláveis no IIER. Análise estatística revelou alto coeficiente de correlação linear entre tempo e massa de resíduos recicláveis. Assim, a cada mês de coleta seletiva obteve-se em média um ganho de 480kg em relação ao mês anterior. A inclinação da curva é claramente positiva.

Palavras-chave: Ecoeficiência; Coleta Seletiva; Gerenciamento de Resíduos de Serviços de Saúde.

### **ABSTRACT**

Reference hospitals are increasingly seeking eco-efficiency, since an eco-efficient hospital is one that achieves high productivity, with good levels of quality, which provides savings in financial resources and has a decreasing scale of the volume of waste generation. The implementation of the selective collection program for the recycling of waste produced at the Instituto de Infectologia Emílio Ribas, aimed at: reducing costs with the final disposal of waste in sanitary landfills; the increase in the useful life of sanitary landfills; the reduction of expenses with remediation of degraded areas due to the poor packaging of waste; to promote education and environmental awareness among public servants and users of the health system and the improvement of environmental and public health conditions in the municipality and in the State of São Paulo. The results obtained were very positive, since since the implementation of the selective collection program for waste recycling, there has been a significant and consistent increase in the volume of waste considered recyclable in the IIER. Statistical analysis revealed a high coefficient of linear correlation between time and mass of recyclable waste. Thus, each month of selective collection, an average gain of 480 kg was obtained in relation to the previous month. The slope of the curve is clearly positive.

Keywords: Eco-efficiency; Selective collect; Health Services Waste Management.



## **INTRODUÇÃO**

Segundo Viriato e Moura (2011), no setor saúde, um sistema ecoeficiente é aquele que possui o manejo adequado dos resíduos, atingindo alta produtividade, bons níveis de qualidade, que promova a economicidade e que preserve o meio ambiente. A busca de soluções adequadas para a destinação correta dos Resíduos de Serviços de Saúde (RSS) constitui uma medida extremamente importante para o dia-a-dia de uma unidade hospitalar, contribuindo para recuperar o meio ambiente, manter a saúde pública e beneficiar a qualidade de vida dentro e fora dos hospitais (MOURA e VIRIATO, 2008).

A maioria dos Estabelecimentos Assistenciais de Saúde (EAS) apresenta deficiência no manejo, no acondicionamento e no armazenamento interno e externo de resíduos, principalmente em relação às condições físicas das áreas utilizadas para esta finalidade, onde 10 a 15% dos resíduos gerados são considerados perigosos.

A composição gravimétrica dos resíduos de serviços de saúde demonstra uma semelhança com os resíduos sólidos domésticos. Componentes como papel, papelão, plásticos e vidros aparecem em percentuais elevados em diversos estudos realizados. Já com a ecoeficiência o fator humano se destaca a importância em formar profissionais com uma visão mais ampla sobre as questões ambientais da atualidade, despertando seu interesse e estimulando sua participação nos programas de qualidade ambiental das unidades de saúde. Além das questões ambientais, o conhecimento

sobre os custos associados ao uso de materiais e insumos e ao seu tratamento após uso pode despertar uma maior conscientização, diminuindo a manipulação inadequada ou descontrolada (GARCIA e RAMOS, 2004; NATARAJ e col, 2008).

Conforme Bringhenti e Günther (2011), somente uma boa adequação da estrutura operacional implantada dará suporte para um programa de coleta seletiva contendo ações continuadas de divulgação, mobilização e informação como fatores facilitadores.

Com a implementação do programa de coleta seletiva para a reciclagem de resíduos produzidos no Instituto de Infectologia Emílio Ribas, teve como principais objetivos: a redução de custos com a disposição final dos resíduos em aterros sanitários; o aumento da vida útil dos aterros sanitários; a diminuição de gastos com remediação de áreas degradadas pelo mau acondicionamento dos resíduos; fomentar a educação e conscientização ambiental aos servidores e usuários do sistema de saúde; a melhoria das condições ambientais e de saúde pública do município e do Estado de São Paulo e também, cumprir a Lei nº 12.305 de 02 de agosto de 2010 que Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos, no Artigo 6º - São princípios da Política Nacional de Resíduos Sólidos e no Inciso VIII o reconhecimento do resíduo sólido reutilizável e reciclável como um bem econômico e de valor social, gerador de trabalho e renda e promotor de cidadania.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho teve início e foi desenvolvido no Instituto de Infectologia Emílio Ribas (IIER), com início em 14 de dezembro de 2013, data em que foi publicada no Diário Oficial Estadual (DOE) a composição da Comissão de Gerenciamento de Resíduos de Serviços de Saúde (CGRSS). O IIER é referência para o diagnóstico e tratamento de doenças infecciosas com 198 leitos, contando com um Pronto Socorro e um Ambulatório. Localizado no município de São Paulo, é um dos grandes Hospitais de referência da Administração Direta da Secretaria de Estado da Saúde (SES). Para a implementação da coleta seletiva, foram adotadas as seguintes medidas: a definição dos principais tipos de resíduos e materiais recicláveis; a localização dos setores que produzem este tipo de resíduos recicláveis; os esclarecimentos pela (CGRSS) junto às equipes de nutrição, do almoxarifado, de higiene, de limpeza e nos setores assistenciais; a elaboração de material para divulgação institucional sobre a importância da coleta seletiva e da reciclagem de resíduos; a adesão de parceria com a Cooperativa Regional de Coleta Seletiva e Reciclagem da Região Oeste, credenciada pela Prefeitura do Município de São Paulo; e a elaboração de um calendário com dias determinados para o recolhimento dos resíduos e materiais para recicla-

gem e destinação final definido para todas as terças e quintas-feiras semanalmente. O sistema preconizado a princípio foi o sistema de coleta seletiva secos e úmidos, sendo no IIERdenominado: Reciclável e Não Reciclável.

Foram instalados recipientes para os resíduos sólidos secos (plásticos, papelão, papel comum, vidros, metais) e para os resíduos úmidos (orgânicos em sua maioria) e uma balança tipo plataforma para a pesagem de todos os tipos de resíduos produzidos no Hospital.

Para a divulgação da implantação do programa de coleta seletiva, foram elaborados três cartazes com motivos e personagens institucionais (Figuras 1 – 3).



Figuras 1, 2 e 3 – Cartazes institucionais originais para divulgação da coleta seletiva.

Com relação ao recolhimento, pesagem e destinação, os recicláveis foram separados e preparados pela empresa terceirizada de limpeza para o recolhimento realizado pelo veículo da Cooperativa Regional de Coleta Seletiva e Reciclagem da Região Oeste como mostra a (Figura 4).



Figura 4 – Veículo de pequeno porte usado no recolhimento dos recicláveis do IIER.

O veículo era carregado nas áreas de descarte próximas ao abrigo de resíduos. Na chegada dos recicláveis no galpão da Cooperativa, os materiais eram pesados em balança digital e todas as

informações operacionais eram enviadas numa planilha por e-mail para a Seção de Limpeza do IIER contendo: o dia da coleta; onome do cooperado; as placas do caminhão; o peso bruto; a tara e o peso em quilograma. Frequentemente, a equipe da empresa terceirizada de limpeza do IIER, executava pesagens antes do embarque dos recicláveis no caminhão para que se mantenha um controle quantitativo e qualitativo do material enviado.

A Cooperativa Regional de Coleta Seletiva e Reciclagem da Região Oeste, cadastrada na Prefeitura do Município de São Paulo, localizada na Rua Fröben, 101 – CEP 05315-010 – Vila Leopoldina – São Paulo – SP, fazia a destinação final dos recicláveis provenientes das coletas seletivas, fornecendo os produtos obtidos para empresas de reciclagem e transformação.

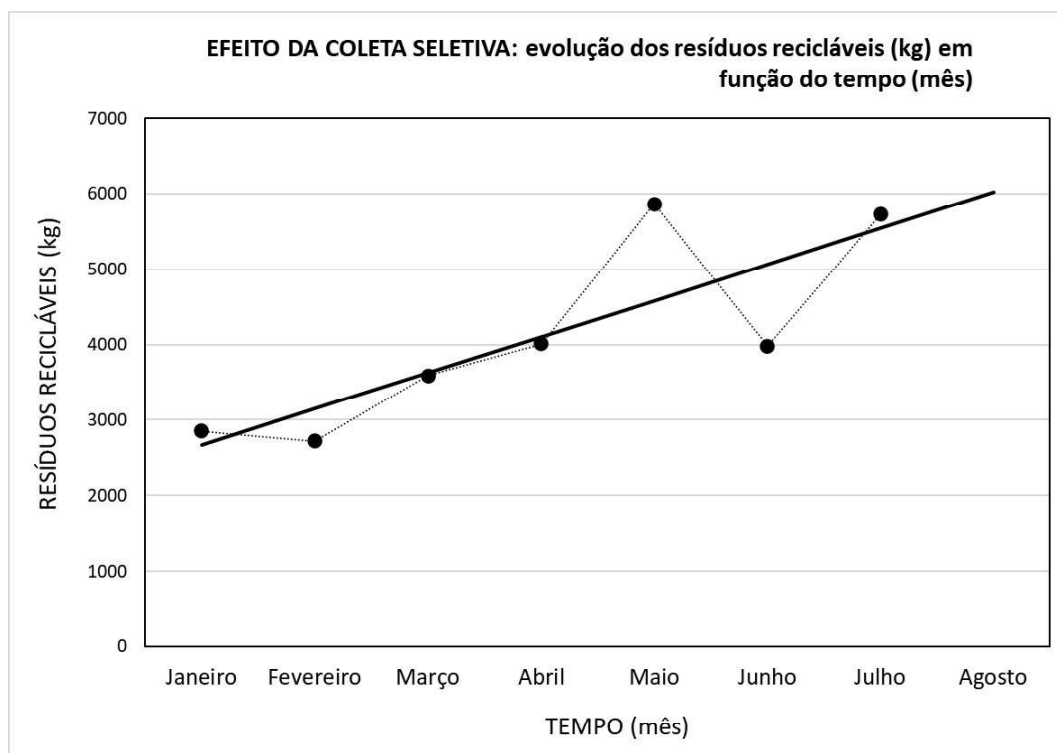
### RESULTADOS OBTIDOS

Os resultados obtidos foram muito positivos, pois desde a implementação do programa de coleta seletiva para a reciclagem de resíduos, houve um aumento significativo e consistente do volume dos resíduos considerados recicláveis no IIER conforme o (Figura 5).

Análise estatística efetuada com o programa *GraphPad Instat* revelou alto coeficiente de correlação linear entre tempo e massa de resíduos recicláveis (coeficiente de correlação de Pearson  $r=0,822$ ). A regressão linear efetuada permitiu obter a seguinte expressão para a reta de ajuste:  $\text{Massa (kg)} = 2189 + [480 \times \text{Tempo (mês)}]$ , (onde Janeiro = 1, Fevereiro = 2 etc).

Assim, obteve-se a cada mês de coleta seletiva obteve-se em média um ganho de 480kg em relação ao mês anterior. A inclinação da curva é claramente positiva, diferindo significativamente de zero com  $p=0,023$ ).

Figura 5 – Efeito da Coleta Seletiva: evolução dos Resíduos Recicláveis (kg) em função do tempo, no período de janeiro a agosto de 2014.



O gráfico da figura 5 demonstra o início da campanha da coleta seletiva em janeiro intensificada gradativamente até o seu ápice no mês de maio onde houve uma grande coleta principalmente de papéis e papelão. No mês de junho houve uma pequena queda no volume dos recicláveis, tempo em que a campanha foi retomada, sendo restabelecida a marca acima de 5.000kg no mês de julho. Analisando-se a linha de tendência de previsão linear a perspectiva é de se atingir a marca de 6.500kg a

7.000kg em breve, e a partir daí haverá uma estabilidade na curva de pesagens dos resíduos recicláveis. A atual Comissão de Gerenciamento de Resíduos de Serviços de Saúde tem como meta definida a continuidade da campanha da coleta seletiva em todas as dependências do Instituto de Infectologia Emílio Ribas.

## **AGRADECIMENTOS**

Nossos agradecimentos para Valdir Cimino. Presidente da Associação Viva e Deixe Viver pela elaboração do material de divulgação institucional. Aos membros das equipes de trabalho: Marco Aurélio Conceição; Regiane Martins Oliveira de Sousa; Wilma Assunção Juliano; Janete Lourenço Sgueglia; Raquel Muarrek Garcia; Denise Aratangy Arnaut Lulla; Maria Cristina Avelar Marti; Mariana Takahashi Ferreira Costa; Juliana Romão de Oliveira; Maria José Vieira da Silva; Isabel Kazue Nitta e Flávia Roberta Ferraz dos Santos.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. Lei Nº 12.305 de 2 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, 03 ago., Seção 1. Brasília; 2010.

BRINGHENTI, J.R.; GÜNTHER, W.M.R. Participação social em programas de coleta seletiva de resíduos sólidos urbanos. Engenharia Sanitária e Ambiental, 16(4):421-430, 2011.

GARCIA, L.P.; RAMOS, B.G.Z. Gerenciamento dos resíduos de saúde: uma questão de biossegurança. Cad Saúde Pública, 20:744-52, 2004.

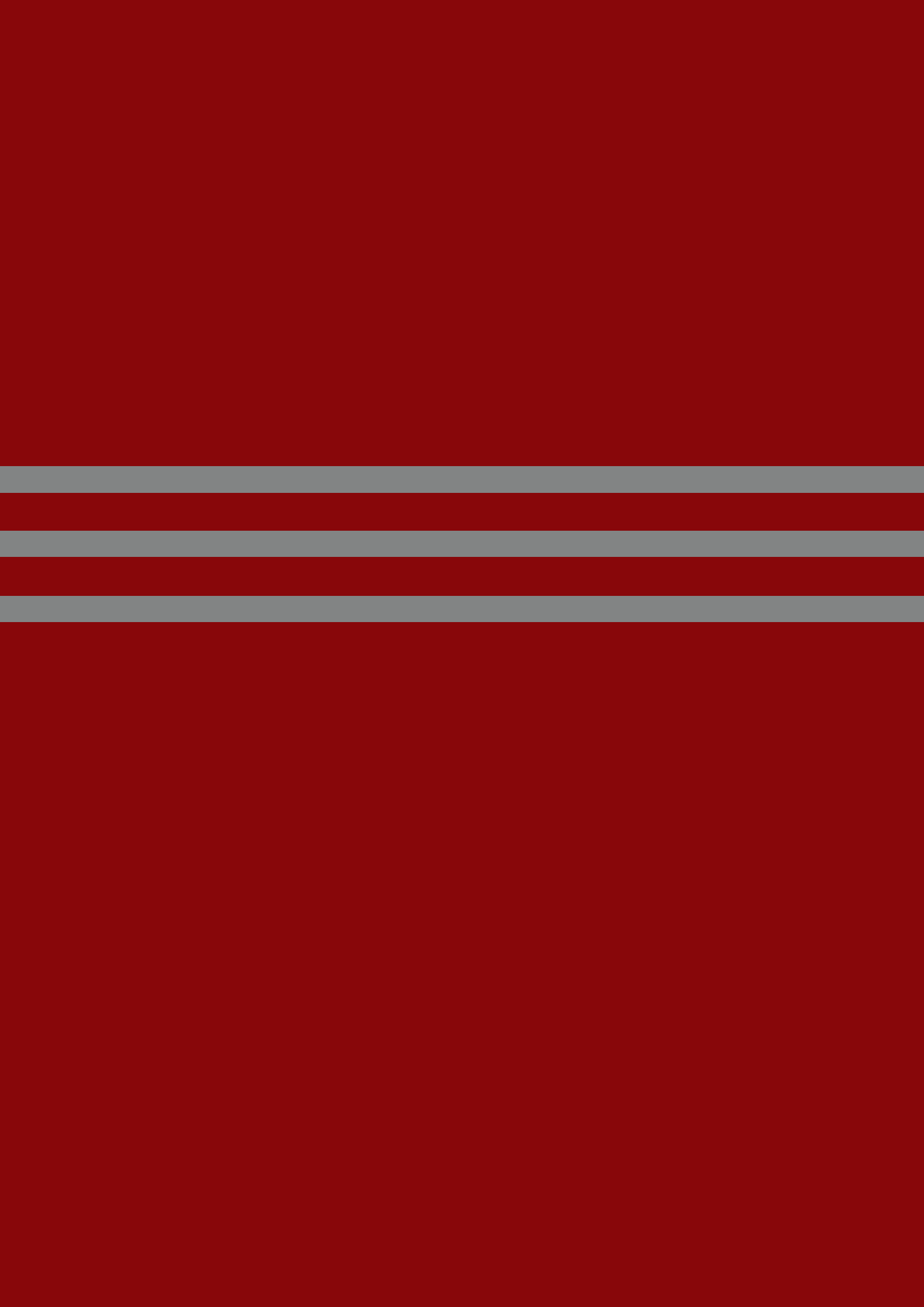
MOURA, A.; VIRIATO, A. Gestão Hospitalar: da organização ao Serviço de Apoio Diagnóstico e Terapêutico. São Paulo: Editora Manole; 2008.

NATARAJ, G.; BAVEJA, S.; KUYARI, S.; POOJARY, A.; MEHTA, P.; KSHIRSAGAR, N.; GOGTAY, N. Report: Medical students for monitoring biomedical waste segregation practices - why and how? Experience from a medical college. Waste Manag Res. 26: 288-90, 2008.

SÃO PAULO. Portaria do diretor Técnico de Saúde III de 13 de dezembro de 2013. Nova composição da Comissão de Gerenciamento de Resíduos de Serviços de Saúde (CGRSS) do Instituto de Infectologia Emílio Ribas (IIER). Diário Oficial Estadual–Poder Executivo–Seção I–página 62, 14 de dezembro de 2013.

VIRIATO, A.; MOURA, A. Ecoeficiência e economia com a redução dos resíduos infectantes do Hospital Auxiliar de Suzano. O Mundo da Saúde, 35(5):305-310, 2011.





ARTIGO ORIGINAL: Acesso aberto

## **A Violência por Parceiro Íntimo (VPI) como epidemia e seu enfrentamento e prevenção nos relacionamentos entre jovens por meio da Oficina de Trabalho Crítico-Emancipatória (OTCE)**

**Autora:** Elisa Maria Curci Grec Huertas<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Doutoranda em Saúde Baseada em Evidências pela Escola Paulista de Medicina - Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Mestre em Comunicação de Interesse Público pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) - [elisagrec@gmail.com](mailto:elisagrec@gmail.com)

### **Resumo**

A violência por parceiro íntimo é uma realidade nos relacionamentos e um problema na sociedade. Considerada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como epidemia, está nos incluída na Agenda 30 da ONU no Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5 – Igualdade de Gênero – como meta a ser erradicada pois causa para além do dano à pessoa que a sofre outros imensuráveis à sociedade como um todo. A OMS preconiza que qualquer epidemia deve ser enfrentada precocemente, antes que o problema se instale. Assim, apresentam-se aqui os resultados do uso da Oficina de Trabalho Crítico-Emancipatória como ferramenta de intervenção junto a jovens como forma de reflexão acerca da violência nos relacionamentos para enfrentamento da violência e prevenção.

### **Abstract**

Intimate partner violence (IPV) is a reality in relationships and a problem in society. Considered by the World Health Organization (WHO) as an epidemic to be eradicated and included as a goal in UN Sustainable Development Goal 5 - Gender Equality. In addition to harm to the person who suffers it causes immeasurable damage to the society as a whole. The WHO recommends that epidemics must be tackled early, before the problem sets in. To reach this goal an intervention using Critical-Emancipatory Workshop with young people was used as a way of reflecting on violence in relationships to face violence and prevent it. The results show that the way like young people understands gender stereotypes cause violence, but when they are invited to reflect about that is possible to change the way they see relationships in an effort to prevent IPV.

### **Palavras-chave**

Violência por parceiro íntimo; Violência de gênero; Gênero; Epidemiologia crítica; Epidemia

### **Keywords**

Intimate partner violence; Gender violence; Gender; Epidemiology; Epidemic

## **Introdução**

A violência por parceiro íntimo (VPI) é uma realidade apontada por diversas pesquisas ao redor do mundo e reconhecida pela OMS, contando, no Brasil, com legislação específica para enfrentamento, a Lei Maria da Penha<sup>1</sup>.

Trata-se de problema global que afeta uma parcela considerável da população e não se pode deixar de analisar o problema a partir da perspectiva de gênero, uma vez que ele tem origem nas relações desiguais estabelecidas entre homens e mulheres e sua existência é moralmente aceita<sup>2</sup>.

A OMS reconhece a violência como epidemia mundial e violação dos direitos humanos fundamentais. Sua existência e prevalência prejudicam o desenvolvimento físico, psicológico, sexual, reprodutivo, social e profissional e trazem consequências profundas na saúde e bem-estar das pessoas, famílias e comunidades. A OMS, bem como o Ministério da Saúde, no Brasil, considera que este é um problema de saúde pública desvalorizado e mal compreendido<sup>2</sup>.

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) são resultado de um movimento de ação global realizado em 2015 em que a ONU, juntamente com os países integrantes, trabalhou para estabelecer uma agenda de desenvolvimento para o mundo<sup>3</sup>.

Foram identificados os problemas que impedem o desenvolvimento das nações e desenvolvida uma agenda de ações para resolvê-los, de forma a garantir a igualdade entre os povos do mundo e das pessoas nos países para que a fome, a desigualdade, o acesso à água potável, ao trabalho digno, à educação, saneamento e saúde sejam alcançados até 2030<sup>3</sup>.

O ODS 5 contempla a Igualdade de Gênero e o objetivo é “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas”<sup>3</sup>. Para assegurar o alcance desse objetivo foram detalhadas metas que devem ser cumpridas até o ano de 2030.

No que concerne ao trabalho desenvolvido e que este artigo é parte entende-se que ele converge para alcançar essas metas:

A meta 5.1, que visa a acabar com toda e qualquer forma de discriminação, pode ser alcançada quando se trabalha a VPI na juventude, causada por estereótipos de gênero, uma vez que que levam à discriminação e violência contra as meninas<sup>3</sup>.

A meta 5.2 trata da violência contra meninas e mulheres na esfera pública e privada. Pretende-se aqui prevenir a violência na esfera privada e dar visibilidade na esfera pública<sup>3</sup>.

Na meta 5.3 pretende-se eliminar práticas nocivas como o casamento prematuro ou forçado, o que acontece na realidade

brasileira devido aos mesmos estereótipos que naturalizam o papel da mulher como esposa e mãe, o que limita sua autonomia e seu poder de escolha, deixando as meninas vulneráveis à violência<sup>3</sup>.

A meta 5.4 trata do trabalho doméstico e da responsabilidade compartilhada dentro do lar e da família, cuja divisão é pautada pelos estereótipos de gênero e acarretam a violência de gênero, uma vez que é garantido ao homem o direito de continuar trabalhando e exercendo suas atividades normalmente, enquanto é exigido das mulheres que se dediquem exclusivamente aos filhos e ao trabalho doméstico, e quando as mulheres exercem atividade remunerada fora de casa, continuam sendo elas as responsáveis pelos cuidados com o lar, implicando em jornada dupla e algumas vezes tripla, sobrecarregando-as.

A meta 5.6 prevê o acesso de todas as meninas e mulheres à saúde sexual e reprodutiva, com vista ao exercício de seu direito de escolha no que diz respeito à sexualidade e à escolha de quando e se deseja ser mãe<sup>3</sup>.

Esse direito só pode ser garantido se a oferta aos serviços de saúde pública for universal, as meninas tenham conhecimento sobre como exercer sua vontade na vida sexual e os meninos respeitem e participem também do planejamento familiar e da escolha e utilização dos métodos contraceptivos.

#### Métodos

Para o objetivo proposto foi realizada Oficina de Trabalho Crítico-Emancipatória (OTCE).

A OTCE visa à educação crítico-emancipatória por meio da problematização dos seres humanos a partir de sua relação com

o mundo e são caracterizadas por um ambiente descontraído, facilitado por práticas pedagógicas incentivadoras e participativas e pela relação horizontal de poder entre as/os participantes e a coordenação<sup>4</sup>.

O uso da OTCE visa a articular a subjetividade, a racionalidade, a experiência pessoal e a produção do conhecimento, é um espaço de construção coletiva e seu produto pode ser apropriado pelas/os próprias/os participantes, que conseguem visualizar o conteúdo e a qualidade de sua participação, ao contrário de serem meros sujeitos no processo de construção do conhecimento<sup>4</sup>.

É um método eficaz para os propósitos desta pesquisa pois a experiência do uso das oficinas para a abordagem da violência por parceiro íntimo entre adolescentes por parte dos profissionais da saúde tem resultados positivos<sup>5</sup>.

A OTCE está fundamentada na educação crítico-emancipatória que destaca a problematização da realidade a partir da relação dos seres humanos com o mundo e considera ainda como pressupostos teórico-metodológicos:

- O uso das emoções como construtoras do conhecimento;
- a ideia de empoderamento;
- a abordagem dialética do movimento da consciência;
- a participação;
- a responsabilidade compartilhada<sup>4</sup>.

A oficina foi realizada em duas sessões no segundo semestre de 2019 no Colégio Universitário USCS, em São Caetano do Sul, com os alunos dos 1os 2os e 3os anos do



Ensino Médio. O local foi escolhido devido à facilidade de acesso da pesquisadora à escola, que é parte integrante da Instituição, sede do presente estudo.

Todos os alunos foram convidados pessoalmente pela pesquisadora responsável, por meio de visita às salas de aula. Os alunos foram informados sobre os objetivos, horários e datas e sala em que seriam realizadas as sessões da oficina. Os contatos para inscrição foram entregues e foi distribuída uma ficha de interesse em que os alunos informavam nome, turma e telefone. Em seguida foram feitos grupos no WhatsApp, por sala, para comunicação entre os alunos e a pesquisadora. As/os participantes foram todos os que manifestaram interesse e autorizados pelos pais, não havendo nenhum critério de exclusão dentro da amostra selecionada.

Foi elaborado um planejamento de atividades para cada uma das sessões da oficina.

As pesquisadoras contavam inicialmente com um número maior de participantes que contemplariam duas turmas, no entanto, apenas 12 alunos inscreveram-se e foi realizada apenas uma turma, em duas sessões. Na segunda sessão apenas sete dos 12 alunos compareceram.

A equipe de pesquisadoras preparou a sala de realização da oficina e, de modo a deixar o ambiente descontraído e acolhedor, ofereceu um café aos alunos em ambas as datas. As sessões da oficina foram gravadas em áudio e vídeo e uma pessoa realizou observação não participante, com anotações em um caderno de campo. O áudio, posteriormente, foi transcrito na íntegra para análise, que

considerou também aspectos revelados nas imagens e anotações da observação.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi entregue aos maiores de idade para ser assinado pelos pais dos menores antes da primeira oficina. O Termo de Assentimento foi entregue aos menores para ser preenchido e assinado antes da oficina.

Os termos foram recolhidos na data de realização da primeira oficina. A oficina foi realizada com o mesmo grupo em dois dias diferentes, com duração de três horas cada encontro. No primeiro compareceram 12 alunos, sendo quatro meninos e oito meninas. No segundo, algumas/ns participantes não vieram, de forma que participaram sete alunos, sendo seis meninas e um menino.

Após a entrega dos termos foram explicadas as etapas da oficina, bem como seus objetivos, riscos e informações sobre a participação, incluindo a liberdade de deixar a atividade quando desejassem, reforçando os aspectos éticos mencionados nos termos de consentimento assinados. As/os participantes preencheram ainda seu nome em um crachá. Participaram da oficina como facilitadoras/coordenadoras a autora desta dissertação, a professora orientadora e, na observação não participante, uma bolsista de Iniciação Científica vinculada ao projeto. No segundo encontro a oficina contou com a participação de uma atriz para orientar nas atividades que envolviam dramatização.

O desenvolvimento de cada etapa da OTCE foi planejado a partir de estratégias lúdicas que, além de favorecer a implementação dos seus pressupostos, permitiram avaliar quais

possibilitaram maior envolvimento, reflexão e participação.

A seguir será apresentado o percurso de desenvolvimento da Sessão 1.

As/os participantes escreveram em um papel três características sobre si que consideravam marcantes. Os papéis foram recolhidos, misturados e distribuídos novamente, garantindo-se que ninguém pegasse seu próprio. Cada participante leu as características do papel que estava em mãos e todas/os deviam tentar adivinhar quem era a pessoa correspondente àquelas características.

A segunda atividade realizada foi “Namorar dá o que falar”, como momento de Reflexão Individual. Foram colocados três quadrados grandes no chão da sala e em cada um estava escrita uma palavra: Concordo, Não Sei e Discordo. Havia um saco com recortes de papel, nos quais estavam escritas afirmações sobre namoro e relacionamento. Os recortes eram sorteados e à medida em que eram lidos, cada participante deveria se dirigir a um dos quadrados conforme o que acreditava.

As frases sorteadas foram: “Posso contar o que faço com minha namorada/namorado aos meus amigos”; “Se uma garota se oferecer pro meu namorado tenho o direito de insultá-la publicamente?”; “Se meu namorado me pedir para ter relações sexuais com ele, devo aceitar para provar o meu amor.”; “Os meninos não mostram sentimentos.”; “Meu namorado é só meu/ Minha namorada é só minha.”; “Se eu tiver namorada não posso ser muito amigo de outras garotas.”; “Quem tem muito ciúmes ama muito”; “Tenho o direito de ver as mensagens do celular do meu namorado/da minha

namorada”; “Os namorados as vezes gritam, mas isso é normal”; “Se o meu namorado tiver ciúmes dos meus amigos eu devo evitá-los”; “Não deixo minha namorada usar decote ou saia curta para protegê-la do olhar dos outros.” A cada pergunta as/os participantes dividiam-se nos quadrados relativos ao que entendiam sobre o assunto. Em seguida, era proposta uma discussão sobre a afirmação e as/os participantes que estavam no grupo Discordo deveriam convencer os demais a irem para o seu quadrado e vice-versa.

A terceira atividade realizada no primeiro encontro foi a Reflexão Coletiva, por meio de uma roda de conversa em que cada participante, se desejasse, pôde relatar episódios relacionados aos temas levantados na dinâmica anterior, tendo sido vivenciado ou tomado conhecimento da vivência por pessoas próximas. Os relatos foram feitos em uma roda de conversa em que as/os participantes debateram os temas levantados e compartilharam experiências e opiniões.

Por fim, foi realizada Síntese do que foi discutido, articulando a realidade problematizada ao longo das atividades desenvolvidas na oficina com o referencial teórico sobre violência no namoro que norteia o presente estudo, em uma linguagem clara e acessível.

As síntese conta “não só com os posicionamentos e com as representações, mas também com novos conhecimentos, introduzidos pela coordenação ou por especialista”<sup>4</sup>.

Nesta primeira sessão foi realizada a atividade de Avaliação “O que levo na mala hoje?”, em que as/os participantes escreveram em papéis coloridos expressões que definissem a oficina

e seus sentimentos em relação ao que foi discutido naquela tarde. Todos os papéis foram colados em uma grande mala de papelão confeccionada para a oficina.

Durante todo o encontro, as mediadoras foram fazendo apontamentos no sentido de levar as/os participantes a articular suas subjetividades, experiências pessoais e a racionalidade, com o intuito de produzir conhecimento a partir de duas próprias reflexões sobre a realidade.

O segundo encontro foi realizado com todas/os as/os participantes que desejaram comparecer, contanto que tivessem participado da primeira etapa. Compareceram sete pessoas, sendo um menino e seis meninas.

Na primeira atividade, Aquecimento, foi realizada uma dinâmica com foco no trabalho corporal, de modo a “quebrar o gelo” e integrar as/os participantes, que na primeira oficina demonstraram um pouco de timidez durante.

A segunda atividade, que objetivou à Reflexão Individual acerca das concepções sobre gênero, consistiu na dinâmica O Extraterrestre. O objetivo foi analisar o modo como os papéis sociais tradicionalmente atribuídos a mulheres e a homens estão presentes nas percepções individuais.

Nessa atividade, as/os participantes foram convidados a refletir, primeiro individualmente, sobre uma maneira de explicar para um grupo de extraterrestres que acabaram de pousar na terra, o que é um homem e o que é uma mulher. Em seguida, dividiram-se em dois grupos, de livre escolha, e debateram sobre as melhores maneiras de explicar as diferenças que deveriam de representadas por desenhos em cartazes. Os grupos desenharam suas

representações e explanaram coletivamente sobre elas. Um grupo, composto por quatro participantes, um deles menino, explicou o que é ser homem e o outro grupo composto por três meninas explicou o que é ser mulher.

Após a Reflexão Individual cada grupo coletivizou a experiência, apresentando a sua produção e explicando aos demais participantes os seus significados. À medida em que apresentavam, foi mobilizado um debate entre os grupos sobre os temas levantados nas representações, de modo que, coletivamente, as/os participantes problematizaram os significados relacionados ao feminino e masculino em nossa sociedade. Na terceira atividade realizada, também proposta para Reflexão Individual, as/os participantes, em duplas, foram convidados a interpretar situações de VPI. Foram sorteadas situações desenvolvidas previamente pelas pesquisadoras e as/os participantes encenaram essas situações de violência.

Após essa atividade foi feita a Reflexão Coletiva, por meio de Roda de Conversa sobre as duas outras desenvolvidas naquela tarde. As/os participantes ficaram livres para contar suas experiências sobre os temas encenados, remetendo-se a situações que testemunharam ou souberam, ouviram alguém contar, e falaram sobre isso e articularam essas experiências e reflexões às representações e discussões desenvolvidas na primeira atividade (O extraterrestre).

Por fim, foi feita a Síntese da Sessão 2, pelas coordenadoras, que encerraram a atividade. Como Avaliação dessa sessão, as/os participantes escolheram um objeto dentre vários disponíveis em uma caixa e fizeram

uma relação do significado do objeto e a experiência vivenciada na oficina.

A oficina foi gravada, suas etapas transcritas e os temas analisados e categorizados<sup>6</sup> por meio de análise de conteúdo temática. A Oficina de Trabalho Crítico-Emancipatória é um espaço de construção coletiva grupal, cujo produto pode ser apropriado pelos participantes, posto que retrata a contribuição de cada um no conteúdo e na qualidade da sua participação.

## **Resultados e discussão**

A violência de gênero é um conceito amplo que abrange vários tipos de violência perpetrada contra vítimas como mulheres, crianças, adolescentes de ambos os sexos, na maioria das vezes por homens, em razão do exercício da função patriarcal, em que os homens detêm o poder de determinar a conduta social mesmo que por meio da violência ou força<sup>7</sup>.

Durante a realização da OTCE a violência de gênero se apresentou nas falas tanto dos meninos quanto das meninas. Apesar de diferir em relação ao tipo de violência praticada, os dados empíricos coletados coadunam com a literatura no que diz respeito aos comportamentos violentos no namoro.

A VPI nas relações de intimidade é fenômeno conhecido e tem sido investigado devido ao alto índice de ocorrência e refere-se à violência exercida por parceiro íntimo (frequentemente do sexo masculino) e que cause prejuízo e/ou sofrimento físico, psicológico ou sexual nas mulheres. A VPI pode ser exercida pelo namorado, companheiro, ex-marido, ex-companheiro ou outro homem que mantenha ou tenha tido uma relação de intimidade, e neste caso, até mesmo por um “ficante”.

Resultados de vários estudos em diversos lugares do mundo indicam que globalmente 30% das mulheres que tiveram uma relação de intimidade foram vítimas de violência física

e/ou sexual, sendo que em determinadas regiões do mundo essa porcentagem chega a 38%<sup>2</sup>.

A OTCE foi realizada em dois diferentes encontros, sendo que no primeiro encontro compareceram 12 participantes, quatro deles meninos. O segundo encontro contou com apenas sete participantes, dentre os quais apenas um menino. Dentre os cinco desistentes entre os dois encontros três foram meninos e apenas uma foi menina.

No primeiro encontro os meninos quase não falaram. As meninas protagonizaram as discussões e algumas delas apresentaram um discurso pautado no feminismo e pensado no sentido de não reproduzir as concepções de gênero presentes no senso comum.

Muitas podem ser as razões pelas quais alguns participantes não compareceram à segunda oficina. Porém, a partir das falas e da participação das meninas, pode-se verificar que a temática despertou muito mais o interesse das meninas, que levantaram temas e contaram experiências próprias e testemunhadas com amigas, revelando o problema como inerente à realidade que vitimiza, sobremaneira, as mulheres.

Os meninos participantes deste estudo não demonstraram tanta afinidade com a temática, seja por timidez, uma vez que discutir sobre



relacionamentos é concebido culturalmente como um comportamento feminino, seja pelo fato de o problema não estar em evidência entre os eles, não sendo pauta de discussão em suas vivências cotidianas.

Estudo<sup>8</sup> aponta que os meninos, quando vivenciam uma situação de violência no namoro não entendem como violência propriamente, mas naturalizam como parte da relação. Eles, ainda, não entendem os depoimentos sobre a violência de gênero que as meninas declaram como comportamentos violentos, mas também como parte da relação ou como um comportamento padrão masculino, pautado no entendimento de cuidado, em que o ciúme é sinônimo de preocupação com a parceira e é esperado socialmente.

Esse entendimento converge com os achados do presente estudo, conforme pode ser observado no depoimento a seguir, em que a participante testemunhou um relacionamento em que o ciúme era constante e naturalizado pelos dois parceiros

Ele é bem possessivo e eu vejo que isso faz mal pra ela, mas acaba que ela também é muito possessiva, parece uma competição de quem controla mais e isso acaba fazendo mal para os dois, todo mundo fala sobre isso, só ele não nota que isso acaba fazendo mal pra todo mundo [F2].

A participante F1, no entanto, ao relatar sua experiência, apresentou uma noção crítica desses comportamentos. O comportamento controlador mistura-se ao ciúme em seu relato.

A gente namorou 4 anos e sempre foi assim, até o dia que eu cheguei e falei chega e acabei de vez. Ele se arrependeu e falou que estava fazendo tudo errado. Só se arrepende quando perde. Eu sou o tipo de pessoa que estou usando sutiã agora, porque essa blusa é um pouco transparente, mas eu odeio usar sutiã, vivo sem e pra ele isso era o cúmulo, porque isso iria marcar o meu peito e os meninos iriam ver, e com ele eu sempre usava por causa disso. Quando terminei, nunca mais usei, só às vezes, e depois disso quando ele me viu na rua perguntou por que eu estava sem sutiã e respondi: porque eu quero [F1].

Na fala verifica-se que durante o relacionamento o controle era exercido até mesmo no uso de uma peça de roupa. Esse pensamento tem relação com o controle e a posse sobre o corpo das mulheres, historicamente concebido como propriedade masculina.

Os significados que emergem do relato aproximam-se da concepção de gênero que compreende ciúmes e controle como cuidado. Essa concepção legítima que, mesmo após o término do relacionamento, o homem continue

sendo responsável pela mulher e tendo o direito de dizer a ela o que supostamente seria melhor. Achados<sup>8</sup> confirmam o entendimento das/os participantes do presente estudo em pesquisa realizada sobre o ciúme com jovens brasileiros. As/os participantes compreendem, na pesquisa citada, que os maridos eram mais amorosos caso agredissem as esposas por ciúmes, pois compreendiam o ciúme como manifestação de amor.

A mesma participante relata que

ele falou que estava marcando e que dava para ver que eu tinha peitos, eu falei: “que bom que eu tenho peitos, imagina se eu não tivesse”. E tipo era muito nessa de um ciúmes que ele falava que eu não poderia sair de tal jeito, porque era muito bonita e as meninas ficariam me olhando e eu falava que de qualquer jeito mexeriam, porque só pelo fato de você ser mulher o homem já mexe. Você pode estar com uma aliança no dedo que eles vão olhar e vão mexer, não vão respeitar do mesmo jeito. Ficou por isso por muito tempo, que ele achava que por eu me vestir assim ou daquele jeito os caras iriam me olhar e eu falava que olhavam de qualquer jeito. [Ele queria que] quando eu estivesse com ele era para usar um shortinho e decote, agora sem ele eu poderia me vestir do jeito que eu gosto, porque ele falava que era calor, que todos estavam de shorts e blusinha, e você aí de calça e blusa. Eu falava que eu não gostava de usar shorts, e ele ficava nessa de que era tão bonito [mas só quando estava com ele] [F1].

O relato também expressa a posse masculina do seu corpo, quando ela reconhece a recomendação por parte do namorado de expor seu corpo com roupas curtas quando estivesse com ele pois assim ele poderia exibí-la, mas estaria por perto para controlá-la.

O comportamento descrito remonta ao padrão do controle masculino sobre o corpo feminino. É um padrão tão incorporado ao imaginário coletivo que implica em dois entendimentos: que uma vez que a mulher está usando uma roupa curta ou justa seu corpo está disponível para qualquer homem que quiser olhar e justifica alguma violência e, ainda, que uma vez que a mulher tem um namorado ela tem um homem que já possui aquele corpo, logo não pode se vestir de forma que dê a entender

que está disponível para outros homens.

Bourdieu<sup>9</sup> explica esse fenômeno a partir da concepção de violência simbólica. Para ele a dominação masculina é óbvia, não precisa de justificativa, a visão androcêntrica impõe-se de forma que não é questionada, não se faz necessário enunciá-la pois é legitimada. A máquina simbólica que legitima essa hierarquia está fundamentada na divisão social do trabalho, que atribui a cada um dos sexos papéis definidos e não questionados.

A violência simbólica institui-se nesse cenário porque o dominado concede permissão ao dominador para exercer esse papel, e a violência é aceita em decorrência da naturalização da dominação<sup>9</sup>.

Um dos fatores que justifica a violência é o ciúme, conforme demonstrado em pesquisa<sup>8</sup> em que metade da amostra era de mulheres e estas consideraram que a violência por parte do marido contra a mulher não era admissível, exceto em decorrência do ciúme.

Apesquisa demonstra que a violência simbólica resultante da dominação masculina está tão impregnada na sociedade que até mesmo a parte que sofre com ela a reproduz.

O “normal masculino” é prática decorrente da cultura androcêntrica. Nesse contexto, a predominância da cultura da violência contra a mulher é consequência de ato corretivo

praticado pelo homem, que entende a violência como função disciplinar de que se investem em nome de um poder e de uma lei que julgam encarnar, pois as atitudes de suas mulheres, namoradas e filhas então distantes do comportamento ideal que precisam resguardar<sup>10</sup>.

Da mesma forma que não se pode falar em homem feminista, não se pode falar em mulheres machistas, mas apenas mulheres que reproduzem o machismo. O fenômeno é consequência da máquina cultural que institui a violência simbólica<sup>9</sup> que só é possível

por meio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominador (logo, à dominação), uma vez que ele não dispõe para pensá-lo ou pensar a si próprio, ou melhor, para pensar sua relação com ele, senão de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo senão a forma incorporada da relação de dominação, mostram esta relação como natural; ou, em outros termos, que os esquemas que ele mobiliza para se perceber e se avaliar ou para perceber e avaliar o dominador são o produto da incorporação de classificações, assim naturalizadas, das quais seu ser social é o produto (p. 41).

Ainda sobre a posse e controle masculino sobre as mulheres, as participantes relatam que o respeito não é regra quando uma menina está em um espaço público, exceto se estiver acompanhada por um parceiro, o que denota o respeito entre os homens, mas não às mulheres.

Já vi gente falando que vai em festa e ou dá desculpa que namora com a amiga, ou você está na balada com o seu namorado e o namorado sai o cara dá em cima de você. Aí o namorado chega, e ele não pede desculpas pra você, ele pede desculpas pro namorado [F3].

Eu estava numa festa com o meu ex-namorado e ele foi pegar um negócio pra gente beber e eu fiquei lá com a minha amiga e chegaram dois meninos, um dando em cima da minha amiga e um dando em cima de mim. Eu falei “não, eu namoro” e ele disse “ah, então cadê seu namorado?”. Aí meu namorado voltou e ele começou a pedir desculpas pro meu namorado como se eu fosse uma propriedade dele [F2].

O participante M1 também relata um episódio de violência de gênero, mas vivenciado pela namorada.

Mas tem muitas situações desse tipo que o cara respeita não a mina, o cara da mina, eu sempre me encontrava com a minha ex no caminho entre minha casa e a dela e depois ou ela na minha casa ou eu ia na casa dela. Uma vez nós estávamos quase nos encontrando e eu comecei a escutá-la “não, vai tomar no c\*, eu namoro” e quando a encontrei ela estava chorando desesperada porque um cara tinha passado e pegou no braço dela, chamou ela de gostosa e queria levá-la pra casa dele. Na hora eu fiquei meio, “vamos lá quebrar ele” [M1].

A violência de gênero é denotada nessas falas. As meninas participantes são jovens e mesmo assim já experienciaram diversos episódios tanto em casa quanto nos relacionamentos. É parte do cotidiano delas, pois está presente em toda a estrutura social.

No caso das participantes deste estudo percebe-se um olhar crítico pois têm acesso à informação e estão atentas às questões de gênero que perpassam suas realidades, no entanto, existe uma parcela da população sem esse acesso.

A escola é um espaço de socialização que corresponde a um poderoso instrumento de reprodução da estrutura socioeconômica e das desigualdades de gênero<sup>10</sup>. Essa socialização desigual orienta os indivíduos para um destino que supostamente já lhes havia sido reservado pela estrutura dominante, daí as vivências das meninas aparecerem permeadas pela violência desde cedo.

Elas não entendem por que isso acontece, não conseguem problematizar a partir da violência simbólica ou da cultura androcêntrica em razão da falta de informação e conhecimento, no entanto, vivenciam e identificam o fenômeno. Quando começam a participar ou ter acesso a espaços de debate sobre o tema, podem mobilizar um processo de reflexão e problematização a partir das situações cotidianas. No relato a seguir a participante fala sobre uma experiência de enfrentamento de uma situação de assédio testemunhada por ela.

Quando alguma mulher passa por isso eu também ajudo, uma vez tinha uma menina e ela estava com calça e blusa da escola, na calçada que ela estava tinha um bar, aí ela estava passando e os caras começaram a olhar, então fiquei olhando pra cara deles e perguntei se iam continuar olhando, eles ficaram sem graça e saíram, a menina

atravessou a rua, me agradeceu e eu perguntei se ela queria que eu a acompanhasse até algum lugar [F1].



Além de serem comuns no espaço público, essas situações também acontecem em relacionamentos e muitas meninas não têm agenciamento para reagir.

Só que as vezes não tem tipo, não é todo mundo que tem essa consciência. Tipo, você sabe disso, mas e uma pessoa que está num relacionamento abusivo? A pessoa que está ali as vezes ela acha que a pessoa está gostando dela então ele não vai terminar porque tipo ele gosta dela [F3].

Elas relatam também o entendimento de sororidade e da importância de apoiar essas mulheres

Eu estava voltando da escola e tinha um cara parado na frente de uma porta e ele tentou pegar no meu braço, e em relação a roupa não tem nada a ver, no dia estava frio eu estava de calça, moletom, não influencia o lugar que você tá indo ou a roupa que você tá. Teve um dia que eu passei e ele só me deu boa tarde e outro dia ele tentou agarrar o meu braço, fiquei em choque, tinha uma mulher atrás de mim e ela me ajudou [F1].

A sororidade pode ser definida como a ferramenta capaz de despertar e mobilizar ações políticas, tirando as mulheres do isolamento e possibilitando a sua união em prol dos objetivos feministas. É o sentimento de amizade, a empatia, a irmandade entre as mulheres.

Apesar do aparente senso crítico e da emancipação das participantes, a reprodução do machismo por causa da violência simbólica continua pois está impregnada no corpo e na alma das categorias dominadas, tecendo esquemas cognitivos que visam a reforçar a dominação<sup>7</sup>.

Tem aquele ciúmes saudável, que é mais uma preocupação [F4].

Depende muito de pessoa, o meu ciúme saudável pode ser diferente do de outra pessoa, algo que eu tolero e algo que a outra pessoa pode tolerar também, por isso que muitas vezes as vítimas não identificam um relacionamento abusivo, porque pra ela aquilo pode ser normal e para outras pessoas não é [F3].

A relativização do comportamento violento decorrente de ciúmes fica evidenciado em relação a comportamentos violentos no relacionamento<sup>8</sup>. Ao mesmo tempo em que nos discursos fica explicitado que não é aceitável, o que demonstra emancipação em relação a esse tipo de controle, nos exemplos e testemunhos o ciúme e o controle são relativizados.

O comportamento controlador é relatado tanto no contexto do namoro como após o término. A noção de posse dentro de um relacionamento, especialmente no que diz respeito ao homem em relação à mulher, é tão forte que os meninos continuam controlando as ex-namoradas. Ainda durante o namoro as ameaças acontecem.

Daquelas que “se um dia você terminar comigo e eu te ver com outro cara eu mato os dois”, esse tipo de coisa. Então eu cheguei um dia e falei “se você não consegue me respeitar e respeitar os meus gostos, você não merece ficar comigo”, e aí a gente terminou. Foi tranquilo só ficou algo chato depois porque fiquei ouvindo várias coisas, ele falando que iria mudar e que o namoro seria diferente, mas aí eu não voltei [F3].

Apesar de serem mais relatadas pelas meninas, acontece também por parte delas em relação aos namorados.

Meu irmão tinha uma namorada que era muito possessiva, ela não deixava ele fazer nada, ele perdeu uma oportunidade de fazer uma viagem de navio com a minha vó, ela ia pagar tudo e a namorada dele deu a louca e falou que ele não ia, que se ele fosse eles iriam terminar e ele acabou não indo. Ele tinha uma melhor amiga que se chamava Julia e ai a namorada dele falou que ia matar a amiga dele, que se um dia visse eles dois na rua, ela iria matar a menina, o corpo é fácil de enterrar, o corpo é pequeno e ai quando meu irmão terminou com ela, ela falou que estava grávida e que ele não podia terminar com ela e ela não estava grávida [F5].

Em ambos os casos a violência se apresenta de forma contundente. Ameaças de morte existem e nos depoimentos das/os participantes são dirigidas não somente ao parceiro, mas também ao invasor do relacionamento, seja durante ou após o mesmo.

No caso do depoimento apresentado a seguir, a pessoa envolvida na história relatada também se utilizou do expediente da chantagem por conta de uma suposta gravidez, como se isso

fosse uma ferramenta para manutenção da relação com o namorado.

O controle visa a dominar o parceiro, impedindo que ele tenha outras pessoas em seu ciclo de relações, como amigos e, em algumas das vezes, família. As/os participantes entendem que esse comportamento está ligado à insegurança e à falta de autoestima, não como um comportamento violento.

E ainda

A história é da minha melhor amiga e ela tinha um namorado. Ele era muito abusivo com ela, não *deixava ela* usar as roupas que ela queria, não deixava ela sair com a gente, tipo nada. Ele *fez ela* se afastar de todo mundo, ela só saía com ele, só via ele, era tudo pra ele. Na escola ele *fazia ela* ficar isolada e isso mexeu muito com a personalidade e auto estima dela tanto que até hoje ela tem problemas assim e depois de um tempo que a gente conseguiu conversar com ela e ela resolveu terminar, só que até hoje ele manda mensagem pra ela falando que ainda ama ela e tudo mais, que quer voltar com ela, uma coisa bem doentia [F2].

Eu já vivi, tipo, eu ter um rolê para sair com os meus amigos e a minha namorada falava que eu tinha que ficar com ela, porque se eu não ficasse com ela, ela se sentiria abandonada [M1].

Sim, a ex-namorada do meu namorado, quando os dois terminaram, começou a falar que ia se matar e que não aguentava mais, e mandou foto do braço dela todo cortado. A mãe dela começou a mandar mensagem pra ele, pedindo pra ele voltar e falando que ela estava trancada no quarto e que ninguém conseguia entrar, e ele falava que se ele voltasse pra ela seria algo ruim pra ele, porque ela traiu a confiança dele e que ele não poderia ajudar ela, que a família dela tinha que procurar um psicólogo, porque ele poderia atrapalhar. Passou uma semana e a menina estava bem [F2].

Eu ficava com um menino e um dia eu encontrei meu ex no caminho indo *pro* shopping. Eu não ficava mais com ele [com o menino] mas ele me viu andando com meu ex, só do lado, e tirou foto e mandou *pra* mim, falando: “nossa, 4 dias depois que a gente parou de ficar e você já está indo atrás de outro”. Eu falei: “a gente nem está junto e eu encontrei ele no caminho”. Ele falou “não interessa, você estava conversando com ele, eu tenho certeza, boa sorte pra vocês”. Aí eu *deixei ele* falando sozinho [F1].

Tanto nos depoimentos das meninas quanto dos meninos fica evidente a vivência dessas situações, algumas vezes sendo simultaneamente a vítima e o perpetrador, especialmente em se tratando de violência psicológica. Apesar de o discurso demonstrar entendimento sobre a noção desse tipo de violência, na prática essas atitudes são toleradas, naturalizadas e justificadas com outras razões que não a violência em si, mas como se fizessem parte dos relacionamentos. A violência física não foi reportada pelas/os participantes. Nenhum deles relatou casos acontecidos consigo, seja como perpetrador ou vítima, nem com pessoas próximas, mas apenas como exemplo da realidade vivida. Esses dados condizem com outros estudos

na área, uma vez que a violência física é bem menos reportada do que a violência verbal/emocional nessa fase da vida<sup>11, 12</sup>.

Em estudo realizado na Espanha mais de 96% dos 567 adolescentes entre 15 e 19 anos participantes relataram ter sofrido violência verbal/emocional no relacionamento e 21,7% declararam sofrer violência física<sup>11</sup>.

No Brasil, estudo realizado com 111 adolescentes apresenta números parecidos: quase 90% dos participantes declararam ter sofrido violência verbal/emocional e 22,5% declaram terem sofrido violência física<sup>12</sup>.

Apesar de não relatarem experiências de violência física, demonstram conhecimento sobre o assunto e rechaçam-na.

Em mim dói porque aqui a gente estava encenando, mas isso acontece muito lá fora e eu paro para pensar. Eu choro muito fácil e quando eu olho essa cena paro pra pensar: quantas meninas foram mortas depois da balada? E isso é uma realidade, dói. Só pelo fato de você nascer mulher já te olham como um alvo fácil. Aí eu fico de coração partido. São situações que estamos encenando, mas e quem presencia isso mesmo? O namorado chegar xingando, apanhar em casa, é muito forte isso, em mim dói, eu olho e fico doída. [F1]

O feminicídio também é parte do repertório, bem como a crítica às justificativas pautadas nas concepções de gênero e na sociedade machista para sua legitimação

É isso que me deixa triste, a menina estava em balada na chácara e foi encontrada morta, “nossa, mas também onde ela estava, no meio do mato numa festa”, e qual o problema? [F1].

As/os participantes também demonstram conhecimento e criticidade sobre a violência sexual, mesmo aquela sutil. O entendimento sobre estupro, coação e chantagem por parte desse grupo ficou claro em diversas falas.

Tanto homem, quanto mulher [são coagidos pelo parceiro a transar]. Já ouvi relato de amiga minha que fez a primeira vez com o namorado porque viu que o namorado estava afim e pensou “ah, não tem problema” e acabou fazendo, mas fala que não se sentiu confortável na primeira vez e nem na segunda e nem na terceira, só que foi acostumando depois. Então eu acho que até é algo fácil de fazer [F2].

A vulnerabilidade a esse tipo de violência foi relacionada também ao desconhecimento e a falta de informação e diálogo com os pais ou com outros responsáveis.

[Na encenação da OTCE] A gente quis mostrar que o namorado é todo espertinho, e ela como é virgem, inocente ele conseguiu. E tem o problema também dos pais, como ela é inocente, não sabia de nada, se os pais tivessem conversado, o que era. Não só os pais, a escola também, seria interessante pra pessoa ter uma base, que a primeira vez engravida sim, pega doença sim, as pessoas seriam mais espertas. Eles fogem de falar com pessoas mais novas sobre sexo porque pensam que vão incentivar a fazer, mas na verdade eles estariam orientando para que a pessoa quando estiver na situação saiba como agir, ou então a pessoa vai ser inocente, quem é mais esperto vai conseguir mentir e vai tentar convencer [F1].



A violência sexual mais explícita, como o estupro, não foi relatada pelas/os participantes. Mas outras formas de abuso foram citadas, como o desrespeito na relação sexual.

Mas só porque eu não tenho camisinha você não vai querer transar? [F1]

O estupro é um tipo de violência comumente relacionado ao padrão de ser perpetrado por um desconhecido na rua. Atualmente, no entanto, a compreensão tem mudado e o estupro marital ou dentro de qualquer relacionamento passou a ser compreendido pela população com a gravidade que tem de fato.

As/os participantes demonstram também esse entendimento

Às vezes mesmo ela está consciente e aceita ir pro carro e eles começam a fazer alguma coisa. Mas qualquer coisa que ele fale e ela disser não, qualquer coisa depois disso é estupro. Não precisa ser só a relação sexual [F4].

Elas/es trouxeram ainda um outro tipo de violência bastante recente que vem sendo praticado: o envio de nudes como forma de constranger ou, ainda, a chantagem a partir da posse dessas imagens pessoais.

A prática de enviar nudes, ou fotos tiradas de si mesmas/os nuas, seminuas ou em outra situação íntima qualquer para ser compartilhada apenas com o parceiro íntimo é

recente e rapidamente virou um hábito comum entre os jovens. Elas/es afirmam que todos fazem.

O problema é que quando a relação acaba o parceiro que detém esse material pode compartilhar as fotos ou vídeos dos nudes recebidos como forma de revenge porn, ou pornô de vingança, com o intuito de constranger e se vingar.

No oitavo ano espalharam foto minha e eu não estava ligando porque eu estava de calcinha e sutiã, mas todo mundo fica olhando, falando, é muito desconfortável. Eu mandei uma foto *pro* menino que eu estava ficando e a melhor amiga dele era a minha melhor amiga também e ela que espalhou porque estava com ciúmes [F2].

Muitas das vezes a pessoa que compartilha o nude como forma de agressão sente-se orgulhoso do feito.

Na minha outra escola tinha muito de as pessoas falarem de alguém, tipo “ah, você viu o nude de não sei quem, ela está mandando pra todo mundo”. Antes a pessoa que espalhava ou contava vantagem ou negava e a pessoa da foto não falava nada e se sentia acanhada [F4].

A violência psicológica foi expressa pelas participantes com significados que se relacionam a ameaças e coação para a práticas sexuais, com ameaças de difamação, em caso de recusa da parceira.

Ameaçar, eu já vi muito relacionamento que falam “se você não fizer isso, eu vou contar pra alguém que você fez isso, eu conto pra todo mundo o que a gente fez”, ficar ameaçando ou brigando com a pessoa [F2].

O reconhecimento da violência patrimonial a partir da Lei Maria da Penha<sup>1</sup> é um grande avanço, uma vez que atitudes como quebrar coisas, rasgar ou queimar roupas, roubar as coisas pertencentes ao casal em uma separação, apropriar-se do salário ou rendimentos da mulher e, ainda, fazer empréstimos em seu nome passaram a ser enquadradas como crime.

Essa violência é reconhecida entre os jovens e foi citada na oficina.

Eu saí com uma amiga que era alguns anos mais nova que eu e ela tem um namorado que era mais velho. Ela tinha um cropped bem bonito e sempre usava, o namorado dela insistia que aquilo era um sutiã, só que aquilo nitidamente é um cropped. Em uma das discussões dele ele falou que se um dia ele terminasse iria pegar esse cropped, chamaria todos os amigos para um rolê e faria questão de cortar/rasgar esse cropped na frente de todo mundo, já que ela queria mostrar pra todo mundo [F4].

A fala remete ao controle e ao ciúme, mas aponta para o entendimento de que um objeto, por mais simples que seja, pode ser usado para a prática da violência, mesmo no âmbito apenas da ameaça. O que mais aparece nas falas e entendimentos das/os jovens participantes da oficina, no entanto, é a violência psicológica. Esse tipo de violência é extremamente invisibilizado, especialmente porque traz culpa. Na maioria das vezes começa como uma manipulação sutil, travestida de cuidado, atenção, amor e vai se intensificando à medida em que a vítima começa a se afastar de suas referências, como amigos e familiares.

Esse afastamento é importante para o agressor, pois sem rede de apoio a vítima passa a contar

apenas com o agressor por perto, agravando o problema.

Nascimento e Cordeiro apresentam as justificativas pelas quais as/os namoradas/os distanciam-se dos amigos e familiares em pesquisa sobre a VPI realizada com jovens em Recife<sup>13</sup>. No início, o distanciamento de dá em razão de ciúmes, mas com o passar do tempo a interferência de fora, especialmente quando a violência começa a tornar-se visível, começa a incomodar ambos os parceiros: tanto a vítima como o agressor.

Para a vítima, o distanciamento ocorre porque ela não quer ter que se justificar para os outros acerca da escolha de permanecer com o agressor, e, em razão da imposição do

agressor do distanciamento, aos poucos as pessoas deixam de procurá-la e tentar intervir. Para o agressor o isolamento é importante pois permite que tenha total controle sobre a vítima, já que esta não tem a quem recorrer<sup>13</sup>. Sem apoio e contando apenas com o parceiro, perpetrador da violência, por perto, a mulher em situação de violência vai perdendo a referência do que é normal e aceitável e cede cada vez mais às vontades do parceiro, deixando de

fazer coisas prazerosas, usar roupas de que gosta, muitas vezes forçando-se a emagrecer ou engordar, cortando cabelos ou fazendo cirurgias, e até mesmo largando seu trabalho para agradar ao parceiro, já que sente que a culpa é sua e que caso o perca não terá mais ninguém, uma vez que já se afastou de todos. As/os participantes apresentam senso crítico acerca desse fenômeno.

Tinha uma pessoa que eu gostava e ele gostava de mim também, mas a gente não tinha nada sério. Estava um gostando do outro, mas não passava disso. Um dia eu mandei pra ele foto da roupa que eu estava vestindo, ele ficou todo alteradinho falando que não queria que eu saísse com aquela roupa e eu ingênua fui lá e troquei, e em outro dia, eu estava conversando com um amigo meu e ele viu que eu estava conversando com alguém e pediu para eu mandar print de todas as conversas que já tive com esse amigo, e eu, ingênua de novo, fui e tirei print de toda a conversa pra mandar pra ele, porque ele queria saber de tudo e tinha aquele ciúmes possessivo [F2].

O relacionamento abusivo é um ciclo no qual as dinâmicas da relação do casal manifestam-se sistematicamente em três fases distintas, que variam em tempo e intensidade para o mesmo casal e entre diferentes casais. São elas: a “acumulação de tensão”; o “ataque violento”; e o “apaziguamento ou lua-de-mel”<sup>14</sup>. O ciclo repete-se constantemente e mantém a mulher dentro do relacionamento abusivo, pois

o início da relação afetiva sempre é a lua-de-mel, um relacionamento não começa com a violência. Dessa forma, quando, após a tensão e o ataque, o agressor pede desculpas e faz as pazes, a vítima acredita que o relacionamento voltará ao normal, à fase inicial em que as coisas estavam bem, o que faz que o ciclo se repita constantemente.

## Conclusão

O uso de uma ferramenta que promove a discussão sem julgamentos e sem intervenções por parte do pesquisador mostrou-se eficaz no sentido de fazer os jovens se abrirem e falarem sobre o que pensam e sobre suas experiências com sinceridade e abertura, objetivo principal da aplicação da OTCE. Foi possível obter resultados importantes que podem ser utilizados em diversos outros estudos.

As falas dos jovens mostraram que os estereótipos de gênero estão presentes em suas realidades e em suas vidas familiares, na escola, na rua, com seus amigos, e eles os veem sendo reproduzidos o tempo todo, além de as meninas serem vítimas e presenciarem outras meninas serem vítimas também.

No entanto, a partir da aplicação da OTCE, foi possível atingir o objetivo de fazê-los de abrirem e compartilharem suas experiências, discutirem os impactos da violência em suas vidas e na sociedade e refletirem sobre os tipos de violência vividas. A oficina mostrou-se uma experiência útil também no sentido de estimular que eles repliquem a experiência e levem para frente a experiência que tiveram, intervindo quando presenciarem uma situação de violência de forma a contribuir com a mudança na realidade.

## Referências

1. BRASIL. Lei nº.11.340 de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, e dá outras providências. Diário Oficial da União. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm). Acesso em 30 ago. 2022.
2. Leitão MN da C, Fernandes MID, Fabião JA da SA da O, Sá M da CGMA de; Veríssimo CMF, Dixe M dos ACR. Prevenir a Violência no Namoro. N(amor)o (im)perfeito – Fazer diferente para fazer a diferença. Coimbra: Escola Superior de Enfermagem, 2013. 148 p. Disponível em [https://web.esenfc.pt/v02/pa/conteudos/downloadArtigo.php?id\\_ficheiro=555&codigo=](https://web.esenfc.pt/v02/pa/conteudos/downloadArtigo.php?id_ficheiro=555&codigo=). Acesso em 30 ago. 2022.
3. ONU. 2017. Assembleia Geral das Nações Unidas. Disponível em <https://www.ohchr.org/Documents/Issues/Opinion/Legislation/OLBrazilEducation.pdf>. Acesso em 02 nov. 2019.
4. Fonseca RMGS da; Oliveira RNG de; Fornari L. Prática educativa em direitos sexuais e reprodutivos: A Oficina de Trabalho Crítico-Emancipatória de gênero. PROENF – Atenção primária e saúde da família, 2018;6(1):59–120.

5. Lourenço RG, Fonseca RMGS da. Construction of an intervention proposal to address the intimate partner violence among adolescents in Brazil. In: Abstracts Book of 4th World Conference on Qualitative Research [Internet]. 4th World Conference on Qualitative Research; 2019. Disponível em <https://www.proceedings.wcqr.info/index.php/wcqr2019/article/view/237>. Acesso em 30 ago. 2022.
6. Minayo MC de S, Assis SG, Souza ER de (org). Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2016. 255 p.
7. Saffioti H. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. Cadernos Pagu (Campinas). 2001;16:115–36. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a07.pdf>. Acesso em 30 ago. 2022.
8. Costa N, Gomes H, Almeida T, Pinheiro RS, Almeida C, Gondim L, et al. Violence against women: Can “jealousy” mitigate the significance of violence? Estudos de Psicologia (Campinas). 2016 Sep;33(3):525–33. Disponível em <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/Y9mYzYRnTRJDcQjDgjJyqXb/?lang=en>. Acesso em 30 ago. 2022.
9. Bourdieu P. A dominação masculina: A condição feminina e a violência simbólica. São Paulo: Bestbolso, 2014. 208 p.
10. Minayo MC de S, Assis SG, Njaine K. (Org.) Amor e violência: um pradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros. Rio De Janeiro: Fiocruz, 2011. 238 p.
11. Fernández-Fuertes AA, Fuertes A. Physical and psychological aggression in dating relationships of Spanish adolescents: Motives and consequences. Child Abuse & Neglect. 2010 Mar;34(3):183–91. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0145213410000359>. Acesso em 30 ago. 2022.
12. Brancaglioni B de CA, Fonseca RMGS da. Violência por parceiro íntimo na adolescência: uma análise de gênero e geração. Revista Brasileira de Enfermagem. 2016 Oct;69(5):946–55. Disponível em <https://bit.ly/2WYnO9X>. Acesso em 30 ago. 2022.
13. Nascimento FS, Cordeiro R de LM. Violência no namoro para jovens moradores de Recife. Psicologia & Sociedade [Internet]. 2011 Dec [cited 2021 Sep 28];23(3):516–25. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000300009>. Acesso em 30 ago. 2022
14. Walker L. The Battered Woman Syndrome. New York: Springer, 1999. 338 p.